

FRANCISCO B. GOMES

Universidade de Lisboa, UNIARQ – Centro de Arqueologia, Faculdade de Letras |

Fundação para a Ciência e Tecnologia

franciscojbgomes@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0664-6374>

A INDUMENTÁRIA NA IDADE DO FERRO DO SUL DE PORTUGAL:
REFLEXÕES A PARTIR DO CASO DA NECRÓPOLE
DO OLIVAL DO SENHOR DOS MÁRTIRES (ALCÁCER DO SAL)

IRON AGE DRESS IN SOUTHERN PORTUGAL:
INSIGHTS FROM THE NECROPOLIS OF OLIVAL
DO SENHOR DOS MÁRTIRES (ALCÁCER DO SAL
“Conimbriga” LXI (2022) p. 5-50

http://doi.org/10.14195/1647-8657_61_1

Texto recebido em / Text submitted on: 29/09/2021

Texto aprovado em / Text approved on: 02/03/2022

RESUMO: A documentação disponível para o estudo da indumentária na Idade do Ferro do sul do atual território português é escassa, limitando-se na prática aos complementos metálicos de indumentária (fíbulas e fechos de cinturão). Uma parte significativa desses elementos procedem, contudo, de escavações cujo registo não permite leituras detalhadas sobre o seu papel e a identidade dos seus portadores. Ainda assim, a adoção de uma grelha de leitura simultaneamente contextual e comparativa permite extrair importantes informações sobre os fatores – sociais, políticos e culturais – que influenciaram a evolução da indumentária, como se ilustra no presente contributo através do caso de estudo paradigmático da necrópole sidérica de Alcácer do Sal, cuja análise permite refletir sobre o presente e o futuro do estudo da indumentária pré-romana no sudoeste peninsular.

Conimbriga, 61 (2022) 5-50

PALAVRAS-CHAVE: Período “Orientalizante”; Época Pré-Romana; Fíbulas; Fechos de Cinturão; Vestimenta.

ABSTRACT: The available data for the study of dress in the Iron Age of southern Portugal is scarce, being limited to metallic dress complements (fibulae and belt buckles). A significant part of these elements was however retrieved in excavations for which the available records do not allow a detailed analysis of their meaning and of the identity of their wearers. Nonetheless, the deployment of a simultaneously contextual and comparative approach can result in new insights on the factors – whether social, political or cultural – which influenced the evolution of dress, as illustrated in this contribution through the paradigmatic case study of the Iron Age necropolis of Alcácer do Sal, whose analysis allows for a reflection on the present and future of the study of Pre-Roman dress in southern Portugal.

KEYWORDS: “Orientalizing” Period; Pre-Roman Period; Fibulae; Belt Buckles; Dress.

A INDUMENTÁRIA NA IDADE DO FERRO DO SUL DE PORTUGAL: REFLEXÕES A PARTIR DO CASO DA NECRÓPOLE DO OLIVAL DO SENHOR DOS MÁRTIRES (ALCÁCER DO SAL)

The adornment and public presentation of the body, however inconsequential or even frivolous a business it may appear to individuals, is for cultures a serious matter... (Turner, 2012 [1980]: 486)

1. O estudo da indumentária da Idade do Ferro no Sul de Portugal: considerações prévias sobre fontes, métodos e problemas

Se o corpo constitui um *locus* privilegiado de representação da identidade nas suas múltiplas facetas, a indumentária, enquanto “pele social” que representa uma interface privilegiada entre a agência individual e os códigos de conduta socialmente negociados que regem a vida em comunidade (cf. TURNER, 2012 [1980]), reveste-se de um papel particularmente expressivo na construção, manutenção e projeção de discursos sociais que operam a vários níveis e em diversos âmbitos, da vida quotidiana aos espaços da morte, sem esquecer o domínio sempre ideologicamente significativo das práticas religiosas (v. LUVAAS e EICHER, 2019).

No caso específico das comunidades do I milénio a.n.e. do sul do atual território português, contamos com diversas evidências de que também aqui, como não poderia deixar de ser, as formas de vestir constituíram um importante reflexo da conectividade dos grupos locais, entre si e com outros agentes mais distantes, das suas fórmulas de representação social e, em última análise, do seu devir histórico. No entanto, qualquer tentativa de estabelecer uma aproximação à indumentária na Idade do Ferro desta região, bem como, de forma mais geral, do

sudoeste peninsular, esbarra à partida com uma série de limitações que se prendem tanto com o próprio registo arqueológico e a sua natureza como, secundariamente, com a própria história e dinâmica da investigação.

Em relação ao primeiro, faltam-nos, com efeito, praticamente todas as fontes primárias que nos poderiam permitir uma reconstituição minimamente abrangente e segura da natureza e estilo das vestimentas usadas pelas comunidades locais ao longo do I milénio a.n.e..

É desde logo bem sabido que as condições ambientais no território meridional português são globalmente adversas à conservação dos próprios têxteis, salvo em condições muito particulares e excecionais (cf. SOARES *et al.*, 2018). Este facto contribuirá em grande parte para explicar a ausência de quaisquer vestígios têxteis no registo arqueológico sidérico do sul português – embora possam existir alguns dados pontuais a aguardar publicação (cf. FIGUEIREDO e MATALOTO, 2017: 372; ARRUDA, VILAÇA e GOMES, 2022) –, fenómeno que é aliás extensível ao resto do sudoeste peninsular, onde os vestígios conhecidos continuam a ser sumamente raros (ALFARO GINER, 1983; 1984: 137-138 e 144-147; 2007; 2012: 341-342; 2014; ALFARO GINER e TÉBAR MEGÍAS, 2007; MARÍN AGUILERA *et al.*, 2019). Por outro lado, estes fatores ambientais e tafonómicos terão sido agudizados nalguns contextos por outros de índole cultural, como a prática extensiva da cremação (cf. GOMES, 2016, com bibliografia).

A ausência de qualquer vestígio material das vestimentas propriamente ditas não é, por outro lado, compensada pela presença de vestígios iconográficos significativos que ilustrem o tipo de indumentária empregue localmente durante o período em apreço. Com efeito, e se a iconografia da I Idade do Ferro no âmbito aqui estudado é quase totalmente avessa à representação da figura humana (cf. GOMES, 2019a; v., contudo, GOMES, 1983), as escassas representações conhecidas do final deste período (DIAS e COELHO, 1972; GUERRA, 2017) e, sobretudo, da II Idade do Ferro (BEIRÃO *et al.*, 1985: Figs. 23, 29 e 30; GOMES, 2008) apresentam um grau de esquematismo que pouco contribui para construir uma imagem concreta das roupagens das/os personagens representadas/os.

Em face destas limitações, restam-nos como fontes primárias para o estudo da vestimenta na área e período em apreço os complementos metálicos de indumentária, de que se destacam as fíbulae e as peças usualmente interpretadas como fechos de cinturão, cujo estudo oferece

um considerável potencial para uma melhor compreensão de pelo menos alguns aspetos que influenciaram as formas de vestir.

Neste ponto, contudo, entram em jogo as limitações resultantes da história da investigação a que antes se aludiu. Com efeito, uma parte substancial do material desta natureza documentado no sul de Portugal, e particularmente nos contextos funerários que poderiam fornecer pistas especialmente importantes sobre o seu significado, foi recolhido em escavações antigas que nos legaram um registo e uns dados contextuais em muitos casos insuficientes. A essa circunstância soma-se, no caso de contextos funerários como aquele de que se ocupará esta contribuição, a ausência de um registo e de estudos antropológicos que permitam uma qualquer aproximação à identidade dos portadores destes complementos de indumentária.

Felizmente, nos últimos anos o panorama tem-se vindo a alterar, nomeadamente com a descoberta e escavação das abundantes necrópoles de recintos da I Idade do Ferro da região de Beja (cf. contribuições em JIMÉNEZ ÁVILA, 2017) que oferecem um manancial importante de dados para uma análise das pautas sociais de representação expressas através da indumentária deste período. Com efeito, uma combinação de fatores culturais (a prática da inumação), ambientais (terrenos calcários propícios à conservação global dos conjuntos funerários, e dos restos humanos em particular) e da investigação (um exemplar trabalho de escavação e registo, bem refletido já nos resultados preliminares publicados) convertem estas necrópoles numa referência que oferece também pistas para uma reapreciação dos materiais recolhidos noutros contextos (cf. *infra*).

De facto, e se a crescente qualidade do registo arqueológico produzido em intervenções como as do sistema de irrigação do Alqueva permite um certo otimismo em relação aos futuros desenvolvimentos do estudo da indumentária da Idade do Ferro no sul português, parece importante não descurar o extenso manancial de materiais procedente de intervenções mais antigas e que, não obstante as limitações já comentadas, se reveste apesar de tudo de um grande potencial para a análise deste tema.

Para realizar esse potencial, parece contudo importante avançar para lá da seriação tipológica e das análises crono-culturais globais (que, no entanto, se revestiram e revestem da maior importância), procurando desenvolver análises tão contextuais quanto possível. Parece em particular necessário buscar um equilíbrio entre as análises internas de cada

sítio e conjunto e as abordagens a uma escala mais ampla, que permitam comparar os perfis documentados em cada sítio e região e começar a mapear as convergências e divergências ao nível desses perfis.

A presente contribuição visa oferecer um exemplo de uma abordagem deste tipo, partindo concretamente do caso da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal (daqui em diante abreviada como OSM). Procurar-se-á nomeadamente demonstrar como o cruzamento de uma leitura interna da posição dos complementos de indumentária no processo histórico de uma comunidade dada com uma abordagem comparativa que os situe no seu contexto regional mais alargado permite extrair novos dados e leituras de materiais conhecidos nalguns casos (mas não em todos) desde há muito.

2. Os complementos de indumentária da necrópole do OSM no seu contexto regional

2.1. Considerações prévias

A necrópole do OSM (GOMES, 2016: 55-350, com bibliografia anterior) (FIG. 1) constitui, a vários títulos, um laboratório privilegiado para o estudo da evolução da indumentária ao longo da Idade do Ferro do sul de Portugal. Com efeito, e ainda que a informação proporcionada por este sítio se veja inevitavelmente condicionada pelas bem conhecidas lacunas no que diz respeito ao registo de campo da maioria das campanhas de escavação ali realizadas na década de 1920 (CORREIA, 1927 [1925a]; 1972 [1927]) e, novamente, entre as décadas de 1960 e 1980 (PAIXÃO, 1970; 1983; 2014), e pela falta de coordenadas contextuais precisas para a vasta maioria do extenso conjunto de materiais ali recolhido, outros aspetos convertem, ainda assim, a necrópole de Alcácer do Sal num caso de estudo de considerável interesse.

Entre esses aspetos caberia destacar, desde logo, a dimensão e diversidade do conjunto de elementos relacionados com a indumentária ali recolhidos, que inclui, como haverá oportunidade de mencionar, um avultado número de fíbulas, um expressivo conjunto de fechos de cinturão, e ainda um pequeno conjunto de possíveis botões.

Por outro lado, o OSM constitui, de momento, o único conjunto funerário conhecido no atual território português que recobre, sem qualquer solução de continuidade aparente, a quase totalidade da Idade

do Ferro regional, tendo sido utilizado como espaço sepulcral entre os meados do século VII a.n.e. e, pelo menos, a Época Romana Republicana (GOMES, 2016-2017). Esta circunstância oferece uma oportunidade inusual para observar a evolução *in situ* da indumentária e dos códigos sociais de representação que reflete ao longo de uma larga diacronia, procurando cotejar essa evolução com as conjunturas e fatores sociopolíticos que a poderão ter influenciado.

Para esse efeito, parece importante, por um lado, apresentar as características internas do conjunto, e, por outro, considerá-lo numa perspetiva comparativa que permita, por um lado, colmatar as lacunas existentes na documentação do próprio sítio e, por outro, aferir das convergências e especificidades da documentação alcacerense no âmbito regional alargado em que se insere.

2.2. As fíbulas do OSM

Como houve oportunidade de mencionar acima, as fíbulas constituem a porção mais significativa do conjunto dos elementos relacionados com a indumentária do OSM. Com efeito, cerca de três dezenas de exemplares haviam sido já publicados em trabalhos anteriores (PONTE, 1985; v. tb. CORREIA, 1972 [1925b]; BRITO, 1968; SCHÜLE, 1969; Ponte, 2006), mas uma recente revisão de conjunto da totalidade do espólio da necrópole permitiu compreender que esse conjunto correspondia apenas a uma parte da totalidade da amostra existente nas coleções dos vários museus que têm à sua guarda materiais do OSM.

Com efeito, foi possível identificar um número mínimo de 113 fíbulas cuja tipologia remete para a Idade do Ferro; infelizmente, contudo, e devido ao seu estado de preservação, apenas 47 permitem uma classificação tipológica segura, podendo a estas somar-se outras 35 que apenas permitem uma classificação aproximada ou hipotética, restando assim outras 31 peças impossíveis de classificar (cf. GOMES, 2016: 230-244).

O conjunto do OSM engloba exemplares pertencentes às principais ‘famílias’ tipológicas documentadas no sudoeste peninsular durante a Idade do Ferro, mas também outras peças que se integram em tipos invulgares cuja contextualização se afigura, no estado atual dos nossos conhecimentos, difícil. Entre estes, caberia mencionar o bem conhecido exemplar de enrolamento no arco classificado por S. da Ponte no seu

Tipo 1b (PONTE, 2006: 88) (FIG. 2, n.1), peça cujos protótipos devem buscar-se na Itália Central (VON ELES MASI, 1986: 210).

As fibulas do Tipo Ponte 1b são raras no atual território português, contando a peça do OSM com um único paralelo seguro, procedente do Castro de Parreitas, em Alcobaça (PONTE, 1984, n. 2), a que poderia com reservas somar-se ainda um outro exemplar do Castro de Mondim da Beira, em Tarouca (PONTE, 1986a). Nenhum destes exemplares conta com um contexto fiável e a sua datação é, por isso, imprecisa; ainda assim, e com base nos seus paralelos extra-peninsulares, datados essencialmente do século X a.n.e. (VON ELES MASI, 1986: 210), S. da Ponte situa as peças portuguesas entre os meados do século X e os finais do IX/ inícios do VIII a.n.e..

Esta datação coloca problemas no que à interpretação do exemplar do OSM diz respeito, dado que a ocupação do sítio não parece preceder os meados do século VII a.n.e. (GOMES, 2016-2017). Não sendo impossível que a peça em apreço corresponda a um elemento amortizado após um longo período de uso / entesouramento, não pode também excluir-se que esta peça, que engloba as coleções das escavações da década de 1920, possa provir de outro ponto do entorno de Alcácer do Sal, onde existe uma ocupação do Bronze Final / transição para a Idade do Ferro relativamente bem documentada (SILVA *et al.*, 1980-1981: 170-171).

Também de origem – ou pelo menos de inspiração – itálica são os dois exemplares de fibulas de arco documentados na necrópole, concretamente uma peça de arco muito engrossado, ou de arco “em sanguessuga”, recolhida por S. da Ponte no seu Tipo 4 (FIG. 2, n.2), e uma peça de arco pouco engrossado, ou pleno, recolhida pela mesma autora no seu Tipo 5 (FIG. 2, n.3) (PONTE, 2006: 111-120; cf. PONTE, 1985: nn.1-2). Ambas correspondem a modelos característicos dos inícios da Idade do Ferro na Itália Central e Setentrional (TOMS, 2000) que, contudo, conheceram uma certa difusão para Norte e Ocidente (DUVAL, ELUÈRE e MORAN, 1974: 11-26; GRAELLS, 2014; GOMÁ RODRÍGUEZ, 2019: 79-80).

Estes tipos documentados no OSM não contam com paralelos exatos no Ocidente Peninsular, embora se possa assinalar a ocorrência de outros tipos pertencentes à mesma família tipológica, como as fibulas de Tipo Ponte 6 do Castro de Parreitas e do Castro de Santa Luzia, Viseu (PONTE, 2006: Quadro 22 e 425; cf. PONTE, 1984) e as de Tipo Ponte 7 do Museu da Nazaré, de proveniência desconhecida (PONTE, 1984; 2006: 425). A cronologia da chegada destas peças ao

sítio do Baixo Sado é, uma vez mais, difícil de precisar, embora os seus protótipos abarquem cronologias entre os finais do século IX e o VIII a.n.e., com prolongamentos ao largo do VII a.n.e. (DUVAL, ELUÈRE e MORAN, 1974; VON ELES MASI, 1986: 57-60; TOMS, 2000; PONTE, 2006: quadros 15 e 19).

Em face do que conhecemos sobre a sequência do OSM, estas peças poderão como hipótese datar-se dentro desta fase mais avançada das suas respetivas séries, tendo-se amortizado na necrópole logo nos momentos iniciais da sua utilização, em meados ou na segunda metade do século VII a.n.e.. Esta hipótese é de resto consistente com o panorama observado para a distribuição de fibulas de tipologia itálica no Golfo de Leão Ocidental, incluindo o nordeste peninsular, onde a difusão deste tipo de peças, comparativamente mais abundantes que noutras regiões peninsulares, só se verifica de forma segura a partir desse mesmo momento (GRAELLS, 2014: 281-289).

Aceitando a atribuição destas peças ao OSM, este pequeno núcleo de fibulas de filiação itálica evidencia a abertura da comunidade local a formas e modas de vestir de origem forânea, e especificamente mediterrânea, já desde os momentos mais antigos da Idade do Ferro regional. Essa abertura situa-se, de certa forma, em continuidade com o que se havia verificado a nível regional durante o Bronze Final, com a difusão de fibulas com protótipos centro-mediterrâneos, como as fibulas de cotovelo e, sobretudo, as de enrolamento no arco (ARRUDA, 2008; VILAÇA, 2008: 390-391; SENNA-MARTINEZ, 2010: 19-20; ARRUDA, VILAÇA e GOMES, 2022).

Mas à parte deste pequeno conjunto de peças relativamente excecionais, essa dinâmica de adoção – e, eventualmente, de adaptação – de formas de vestir compartidas a uma escala macro ou mesmo transregional expressa-se também no OSM pela presença de um conjunto de peças integráveis nas principais ‘famílias’ tipológicas de fibulas da I Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular. Assim, caberia começar por citar a presença de uma fibula de dupla mola, do Tipo Ponte 3b (FIG. 2, n.4) (cf. PONTE, 2006: 106), infelizmente procedente de um contexto pouco expressivo (a Sepultura 129 ou 132 de Vergílio Correia).

Como é sabido, a fibula de dupla mola, muito provavelmente um modelo desenvolvido já no sudoeste peninsular a partir dos modelos centro-mediterrâneos antes citados (JIMÉNEZ ÁVILA 2002: 311; GOMÁ RODRÍGUEZ 2019: 103), constitui um dos elementos mais característicos dos inícios da Idade do Ferro na região (TORRES ORTIZ, 2002:

196-197; v. tb. RUIZ DELGADO, 1989: 69-118). No território português, em concreto, este modelo de fibula surge ainda em contextos integráveis nos momentos finais da Idade do Bronze, ou já na transição para a Idade do Ferro, nomeadamente no Castro dos Ratinhos, Moura (BERROCAL-RANGEL e SILVA, 2010: 304 e Fig. 143), na Corôa do Frade, Évora (ARNAUD, 1979: 65-66 e Figs. 6-7), no Castelo de Arraiolos (MARQUES e ANDRADE, 1974: 141 e 147) e na Quinta do Marcelo, Almada (BARROS, 1998: 34; CARDOSO, 2004: Fig. 158, n.1), bem como num putativo conjunto funerário da região de Beja dado a conhecer por Raquel Vilaça (2009: 501-503).

O modelo da fibula de dupla mola alcança, contudo, a sua máxima expressão no sul do atual território nacional já durante a I Idade do Ferro, fenómeno que parece relacionar-se de forma muito clara com a presença fenícia e, sobretudo, com a consolidação da rede sociopolítica “orientalizante” mediada por essa presença. Com efeito, o estabelecimento e expansão da rede comercial fenícia potenciou o estabelecimento de conexões entre comunidades muito diversas à escala peninsular e o desenvolvimento de uma linguagem de prestígio e de representação social em certa medida partilhada, que se estenderia também à indumentária. Não é por isso surpreendente a difusão substancialmente mais ampla que este modelo de fibulas conheceu à escala peninsular a partir desta etapa.

Nos contextos sidéricos portugueses, as fibulas de dupla mola estão muito bem documentadas entre os finais do século VII e, pelo menos, os meados do VI a.n.e.. A sua distribuição durante este período é comparativamente ampla, como bem revela um levantamento relativamente recente dos exemplares conhecidos (ESTRELA *et al.*, 2010: Fig. 6), a que haveria unicamente a acrescentar os mais recentemente publicados exemplares da necrópole do Monte do Bolor 1-2, Beja (SOARES *et al.*, 2017: Figs. 10 e 20), e o(s) apenas referenciado(s) exemplar(es) da Lapa da Cova, Sesimbra (JIMÉNEZ ÁVILA *et al.*, 2017: 312).

A variação em termos de distribuição geográfica dos exemplares mais precoces, presentes essencialmente em regiões do interior, para os mais tardios, significativamente mais bem representados em contextos litorais, foi já observada por outros autores (ESTRELA *et al.*, 2010: 245-246), parecendo refletir a reorganização das redes sociopolíticas regionais. Com efeito, a geografia das primeiras fibulas de dupla mola evoca de forma muito clara a das suas antecedentes do Bronze Final, podendo intuir-se que a sua disseminação se produz ainda no âmbito

das solidariedades e afinidades que sustentavam as estruturas sociopolíticas desse período, ao passo que os exemplares mais tardios evidenciam de forma clara a reorientação regional dessas redes para o Sul e para o litoral, como reflexo da nova rede “orientalizante” mediada pela presença fenícia (ARRUDA, VILAÇA e GOMES, 2022).

Pelas suas características morfológicas, nomeadamente o arco de secção quadrangular, o exemplar do OSM pode atribuir-se justamente aos momentos mais avançados desta série, datando quase seguramente já do século VI a.n.e., e talvez do primeiro quartel dessa centúria, em consonância com a cronologia de uma peça muito similar recolhida nos estratos da última fase do complexo de Abul A, Alcácer do Sal (MAYET e SILVA, 2000: Fig. 46, n. 351).

A presença desta peça no OSM pode portanto considerar-se como um sinal mais dos estreitos laços estabelecidos entre a comunidade local e a interface colonial fenícia e, através desta, com a rede sociopolítica “orientalizante” que rapidamente se consolida no sudoeste peninsular entre os séculos VIII e VII a.n.e.. Nesse contexto, parece hoje evidente que a indumentária, com todo o seu potencial comunicativo e performativo, adquiriu um papel central no desenvolvimento de códigos compartidos de representação social nos quais, como ficou dito acima, assenta a operacionalidade da citada rede “orientalizante”, nas quais a conectividade entre agentes muito diversos implica o desenvolvimento de uma linguagem comum de estatuto, prestígio e poder mutuamente reconhecível e descodificável.

Assim, a presença desta peça no OSM – entre muitos outros elementos de outra natureza, naturalmente – revela a conectividade da comunidade local, ou, pelo menos, de parte dela, com outras áreas da *koiné* “orientalizante” do sudoeste peninsular, como a Baixa Andaluza (RUIZ DELGADO, 1989: 69-118; TORRES ORTIZ, 2002: 196-197), a Extremadura espanhola (TORRES ORTIZ, 2008: 530-532), para não citar outras áreas mais distantes (cf. GRAELLS, 2014: 246-249; GOMÁ RODRÍGUEZ, 2019: 85-86 e 103).

Não deixa ainda assim de causar estranheza a escassez de fíbulas do tipo em apreço no OSM quando comparada com sítios *grosso modo* contemporâneos como a necrópole de Medellín, Badajoz (TORRES ORTIZ, 2008: 530-532) ou inclusivamente a do Monte do Bolor 1-2, Beja (SOARES *et al.*, 2017). A necrópole alcacereense não é, contudo, caso único, na medida em que noutros sítios, como a necrópole de La Angorrilla, Alcalá del Río, ocupada entre os meados do século VII e

os meados do VI a.n.e., tão-pouco se documentaram peças deste tipo (FERRER ALBELDA e DE LA BANDERA ROMERO, 2014a). A escassez de fíbulas de dupla mola no OSM poderia assim resultar de variações laterais – de gosto? – dentro da antes citada *koiné* orientalizante.

Mais peculiar parece, em contrapartida, a escassa representatividade da família das fíbulas de mola bilateral dos Tipos “Alcores”, “Acebuchal” e “Bencarrón”, que constitui, sem lugar a dúvidas, a outra categoria mais característica e representativa de fíbulas na I Idade do Ferro do sudoeste peninsular (TORRES ORTIZ 2002: 198-202). Com efeito, são apenas três os exemplares do OSM que podem adscrever-se a esta família tipológica, concretamente dois exemplares de Tipo “Acebuchal” integráveis no Tipo Ponte 9a (FIG. 2, nn.5-6) (cf. PONTE, 2006: 140-141) e um exemplar, de que se preservam apenas fragmentos da mola, que não foi possível classificar com maior precisão (FIG. 2, n.7).

As fíbulas de Tipo “Acebuchal” constituem justamente o modelo mais bem representado dentro desta ‘família’ tipológica no sul português. O Tipo Ponte 9a, de ponte simples, encontra-se com efeito representado na necrópole de Quintos, Beja (PONTE, 1986b: Fig. 2, n.3), na da Vinha das Caliças 4, Beja (ARRUDA *et al.*, 2017: Fig. 14), na do Monte do Bolor 1-2 (SOARES *et al.*, 2017: 286 e 289) e nas de Fareleira 2 e 3, Vidi-gueira (FIGUEIREDO e MATALOTO, 2017: Figs. 10 e 14), ao passo que o Tipo Ponte 9b, de ponte dupla, se encontra representado na necrópole de Torre de Palma, Monforte (LANGLEY *et al.*, 2008: Fig. 5), e na da Vinha das Caliças 4 (ARRUDA *et al.*, 2017: Fig. 14); outros exemplares ainda que podem atribuir-se genericamente a este tipo foram recuperados no Castelo de Castro Marim (PEREIRA, 2008: 49 y Est. II, n. 20-21), no sítio de Casa Branca 11, Serpa (COSME, 2014: 124; cf. MIGUEZ, 2010: 57), e na necrópole da Lobeira da Figueira, Beja (MIGUEL *et al.*, no prelo). A maioria destes exemplares pode datar-se, sem reservas de maior, entre os finais do século VII e os finais do VI a.n.e., sendo o tipo em apreço particularmente característico desta última centúria.

O contraste entre a escassez de fíbulas deste tipo no OSM e, em geral, nos sítios “orientalizantes” do sul português e a sua abundância e representatividade nos sítios – e especialmente nas necrópoles – rurais do interior é chamativa, e pode considerar-se extensiva às fíbulas de Tipo “Alcores” (cf. ARRUDA, VILAÇA e GOMES, 2022). A explicação para esta dicotomia, não sendo fácil, poderá talvez buscar-se na evolução sociopolítica das comunidades de uma e de outra área.

Com efeito, houve já a oportunidade de notar noutros trabalhos que, no OSM, a presença de elementos de prestígio entre os espólios funerários parece decair significativamente numa segunda fase da I Idade do Ferro, facto que se interpretou como um reflexo da emergência e/ou consolidação de espaços e instituições de corte urbano que substituem, ou pelo menos complementam, o âmbito funerário como arena privilegiada de representação do estatuto, do poder e das identidades sociais (GOMES, 2016-2017: 36; 2020: 1118). No âmbito rural, em contrapartida, a ausência desses espaços e instituições prolonga a lógica de competição social herdada do período precedente e, por extensão, o papel estruturante dos espaços funerários na projeção de discursos sociopolíticos e identitários, expressos, entre outros aspetos, através da indumentária.

Com efeito, num âmbito regional alargado, a situação do OSM parece encontrar um paralelo expressivo na necrópole – também ela “urbana” – de Medellín, onde as fíbulas da ‘família’ tipológica em apreço estão totalmente ausentes (TORRES ORTIZ, 2008). Contudo, outros casos, como o da necrópole de La Angorrilla, também ela correspondente a uma comunidade urbana, onde estes modelos de fíbulas são predominantes (FERRER ALBELDA e DE LA BANDERA ROMERO, 2014a), parecem evidenciar que esta dinâmica não é generalizável à escala do sudoeste peninsular, e que poderão estar em jogo outros fatores que por ora nos escapam, incluindo questões de gosto, de moda, ou inclusivamente questões relacionadas com as economias têxteis e as necessidades práticas ao nível da vestimenta de cada comunidade.

Falando de possíveis questões de gosto e de moda que poderão ter condicionado a (limitada) aceitação dos modelos de fíbula antes comentados, uma das possibilidades que caberia considerar passa pela precoce adoção pela comunidade de Alcácer do Sal de outros modelos que viriam a conhecer a sua máxima expressão em datas mais avançadas. É concretamente o caso dos modelos anulares hispânicos, que constituem sem lugar a dúvida a mais notável parcela do conjunto de fíbulas do OSM.

A revisão deste conjunto permitiu, com efeito, documentar um total de 72 fíbulas anulares hispânicas, das quais 42 puderam ser adscritas, com maior ou menor segurança, a tipos concretos dentro desta ampla e diversa ‘família’ tipológica. Esses exemplares classificáveis recobrem, por outro lado, a quase totalidade dos tipos de fíbulas anulares hispâ-

nicas presentes no sul português, incluindo alguns que são virtualmente exclusivos da necrópole alcacerense.

Assim, estão representados no OSM os seguintes tipos (v. PONTE, 2006: 156-218):

- Ponte 13 (20 exemplares, dos quais sete da variante 13a, três da variante 13c, quatro da variante 13d e seis impossíveis de integrar numa variante concreta) (FIG. 2, nn.8-22; FIG. 3, nn.23-28);
- Ponte 14 (oito exemplares, dos quais um da variante 14a, cinco da variante 14b e outros dois muito incompletos, possivelmente desta última variante) (FIG. 3, nn.29-36);
- Ponte 15 (três peças, duas das quais da sub-variante 15a/1 e a restante da variante 15a/2) (FIG. 3, nn.37-39);
- Ponte 17 (quatro exemplares, três dos quais distribuídos equitativamente pelas variantes 17a, 17b e 17c, não tendo podido determinar-se a variante concreta a que pertence a quarta peça) (FIG. 3, nn.41-43);
- Ponte 18 (um exemplar) (FIG. 3, n.44);
- Ponte 19 (um exemplar seguro e um segundo provável) (FIG. 3, n.45; FIG. 4, n.70);
- Ponte 20 (três exemplares) (FIG. 4, n.46-47);
- Ponte 21 (um exemplar) (FIG. 4, n.48).

Não é este o local apropriado para discutir de forma individual cada um destes tipos, o seu enquadramento cronológico e os seus paralelos regionais e transregionais (v. discussão em GOMES, 2016: 235-243), pelo que, neste contexto, se cingirá a discussão deste grupo de peças ao seu significado global e coletivo.

Assim, caberia começar por assinalar que os tipos e variantes de fíbulas anulares hispânicas documentadas no OSM recobrem um intervalo cronológico muito amplo, entre, pelo menos, os meados do século VI e o século III a.n.e. (PONTE 2006: 156-218; cf. matizações posteriores em MIGUEZ, 2010: 61-66; GOMES, 2016: 235-243; PEREIRA, 2018: 205-206), embora com uma aparente concentração especial entre os séculos V e IV a.n.e., coincidente com o apogeu das fíbulas anulares hispânicas num âmbito regional alargado (cf. RUIZ DELGADO, 1989: 197-199; TORRES ORTIZ, 2008: 532-535; v. tb. CELESTINO PÉREZ e ZULUETA DE LA IGLESIA, 2003: 41-44).

No OSM, em concreto, contamos com os testemunhos de Vergílio Correia, que afirma que este tipo de fíbulas era já exclusivo nas sepul-

turas do seu 3º Tipo (cremações *in situ* em *busta*) (CORREIA, 1972 [1927]: 177), cuja cronologia se pode balizar entre o final do século VII e os meados do V a.n.e. (GOMES, 2016-2017: 32-36); o mesmo autor indica, por outro lado, que as fíbulas anulares hispânicas perduram ainda nas sepulturas do seu 1º Tipo (enterramentos em urna em fossas escavadas no terreno), características dos horizontes da II Idade do Ferro do OSM (cf. GOMES, 2018), citando nomeadamente a presença de dois exemplares, hoje infelizmente impossíveis de identificar, na sua Sepultura 8 em associação com vasos gregos da primeira metade do século IV a.n.e. (CORREIA, 1972 [1927]: 173).

A quantidade, diversidade e latitude cronológica do conjunto de fíbulas anulares hispânicas do OSM parece assim indicar um profundo arraigamento deste modelo – e da vestimenta a ele associada – na comunidade de Alcácer do Sal que, em certa medida, poderá explicar a escassez de exemplares reportáveis a outras ‘famílias’ tipológicas tardias no sítio.

Com efeito, e apesar de nos últimos anos se ter sublinhado a continuidade de uso (ainda que, talvez, com menor intensidade) do OSM durante as etapas finais da Idade do Ferro (GOMES, 2018) e até à Época Romana Republicana (GOMES e ALVES, 2017; GOMES, 2017), a presença de exemplares assimiláveis aos modelos de La Tène I encontram-se muito mal atestados no sítio, tendo-se unicamente documentado um núcleo de sete peças muito fragmentárias (FIG. 4, nn. 62-69) que poderiam, nalguns casos, relacionar-se com reservas com esses modelos mais tardios, sem que contudo seja possível precisar a sua classificação específica.

Neste aspeto em particular, parece útil comparar o perfil das fíbulas do OSM com o de outros sítios do Sul de Portugal (FIG. 5), como as Mesas do Castelinho, Almodôvar (MIGUEZ, 2010) ou a Cabeça de Vaia-monte, Monforte (PEREIRA, 2018), com ocupações mais ou menos bem caracterizadas da segunda metade do I milénio a.n.e.. Assim, parece expressiva a divergência de situações, com uma sub-representação dos modelos anulares hispânicos e uma presença comparativamente expressiva dos modelos La Tène I em ambos os sítios do interior alentejano (embora, possivelmente, atribuível a datas tardias – v. MIGUEZ, 2010: 26-28; PEREIRA, 2018: 210-217), aproximando-se do panorama disponível para o Sudoeste da vizinha Extremadura espanhola (v., p. ex., BERROCAL-RANGEL, 1992: 135-137) mas contrastando nitidamente com o caso sadino.

Este último aproxima-se, em contrapartida, do perfil documentado, por exemplo, no Castelo de Castro Marim (PEREIRA, 2008), onde os modelos La Tène I estão ausentes dos níveis referentes às ocupações mais recentes da Idade do Ferro, e também com o caso recentemente estudado do Monte Molião, Lagos (PEREIRA, ARRUDA e SOUSA, 2019: 84-85), que apesar da pequena dimensão da amostra revela também uma persistência dos modelos anulares hispânicos face aos modelos de La Tène I, que se encontram mais uma vez ausentes.

Tal facto não parece de estranhar, na medida em que todos os dados de que dispomos indicam que, durante as etapas mais avançadas da Idade do Ferro, a comunidade local de Alcácer do Sal experimentou um desenvolvimento continuado da matriz cultural meridional e mediterrânea documentada na etapa precedente, mantendo por outro lado relações preferenciais com o sul peninsular (GOMES, 2018), e nomeadamente com a área dita “turdetana” da Baixa Andaluzia e o seu espaço de influência, que se estendia ao atual território algarvio (SOUSA e ARRUDA, 2011). Esta continuidade e estas afinidades culturais parecem ter-se expressado também ao nível da indumentária, em contraste com outras áreas do Sul português onde se apreciam certas transformações nas formas de vestir que caberia muito provavelmente relacionar com outros vetores de influência e outras esferas de interação.

2.3. Os fechos de cinturão do OSM

Embora menos numerosos que as fíbulas, os fechos de cinturão do OSM, em parte também já publicados (CORREIA, 1972 [1925b]; ALMEIDA e FERREIRA, 1967; BRITO, 1968; SCHÜLE, 1969), formam igualmente um conjunto expressivo – na verdade, um dos mais expressivos do sul de Portugal –, destacando-se, uma vez mais, tanto pela quantidade como pela diversidade dos tipos e variantes documentadas. Com efeito, a necrópole alcacerense constitui o único sítio português onde se encontram representados os três principais grupos de fechos de cinturão pré-romanos peninsulares, estando ali documentadas peças dos tipos (impropriamente) ditos “tartéssico”, “céltico” e “ibérico”¹.

¹ A inadequação destas designações étnicas tem vindo a ser reconhecida desde há muito, mas as mesmas têm persistido como uma terminologia de referência rápida e

O primeiro tipo, especialmente característico dos ambientes “orientalizantes” do sudoeste peninsular (TORRES ORTIZ, 2002: 205-211), encontra-se representado no OSM por quatro peças, correspondentes a três fechos. Estes exemplares, apesar das peculiaridades de algumas das peças, encaixam sem dificuldade no quadro tipológico estabelecido por E. Cuadrado e M.^a A. de Ascensão (1970), posteriormente retomado e desenvolvido por outras e outros autores (CERDEÑO SERRANO, 1981; CHAVES TRISTÁN e DE LA BANDERA ROMERO, 1993; MANCEBO DÁVALOS, 1996; para uma classificação alternativa, v. JIMÉNEZ ÁVILA, 2002: 313-322).

Concretamente, documentam-se no OSM exemplares enquadráveis nos Grupos 3 e 4 daqueles autores (CUADRADO e ASCENSÃO, 1970: 513), todos eles integráveis no Subgrupo I.2 de J. Jiménez Ávila (2002: 316-318). O primeiro grupo encontra-se representado por uma peça segura e por duas outras (possivelmente correspondentes a um único fecho) que, apesar das suas peculiaridades formais, parecem também integrar este grupo tipológico (FIG. 6, nn.1-3). As peças do Grupo 3 de Cuadrado e Ascensão foram tradicionalmente datadas do século VI a.n.e. (CUADRADO e ASCENSÃO, 1970: 513; CERDEÑO SERRANO, 1981: 54), embora outros autores tenham revisto esta cronologia, apontando antes para uma datação entre os finais do século VII e os meados do VI a.n.e. (CHAVES TRISTÁN e DE LA BANDERA ROMERO, 1993: 154; MANCEBO DÁVALOS, 1996: 66).

Hoje, contudo, parece possível ampliar em certa medida os parâmetros cronológicos destas peças, pois se, por um lado, foi já sugerido que o modelo arrancaria num momento mais antigo, dos finais do século VIII ou dos inícios do VII a.n.e. (TORRES ORTIZ, 2002: 208), as evidências proporcionadas por alguns sítios, como as necrópoles de Medellín e da Vinha das Caliças 4, permitem afirmar que estes fechos se mantiveram em uso até aos finais do século VI ou mesmo aos inícios do V a.n.e. (LÓPEZ AMBITE, 2008: 516; ARRUDA *et al.*, 2017: 201-204).

Os fechos do Grupo 3 estão muito bem representados nos contextos sidéricos do sul português, conhecendo-se diversos exemplos nas recém-publicadas necrópoles de recintos da área de Beja,

amplamente inteligível; no contexto deste trabalho, estes termos utilizar-se-ão exclusivamente como etiquetas tipológicas.

nomeadamente na Vinha das Calças 4 (ARRUDA *et al.*, 2017: 201-204), no Poço da Gontinha 1, Vidigueira (FIGUEIREDO e MATALOTO, 2017: Fig. 4) e no Poço Novo 1, Vidigueira (FIGUEIREDO e MATALOTO, 2017: Fig. 8), todas elas ocupadas durante um intervalo centrado no século VI a.n.e.. A estas peças podem ainda somar-se um exemplar da necrópole de Torre de Palma (LANGLEY *et al.*, 2008: Fig. 5) e possivelmente um outro, infelizmente mal conhecido, da necrópole da Herdade do Pêgo, Ourique (DIAS, BEIRÃO e COELHO, 1970: 187), cujas cronologias deverão ser comparáveis às dos exemplares antes mencionados.

A significativa concentração de peças englobáveis neste Grupo 3 no sul de Portugal merece além disso destaque por contrastar claramente com o panorama documentado na Baixa Andaluzia, área onde este modelo de fecho parece ter-se desenvolvido originalmente, mas onde as peças especificamente do Grupo 3 são minoritárias (MANCEBO DÁVALOS, 1996: 66), estando por exemplo ausente no recém estudado conjunto de La Angorrilla (FERRER ALBELDA e DE LA BANDERA ROMERO, 2014b). Pelo contrário, este panorama assemelha-se ao documentado na Extremadura, e nomeadamente na necrópole de Medellín (LÓPEZ AMBITE, 2008).

Este contraste sai ainda reforçado pela constatação da comparativa raridade no sul português das peças do Grupo 4. Este modelo, também representado no OSM por uma única peça correspondente ao elemento ativo de um fecho sem decoração (variante 4a) (FIG. 6, n.4), é com efeito maioritário nos conjuntos da Baixa Andaluzia (CHAVES TRISTÁN e DE LA BANDERA ROMERO, 1993: Cuadro I; MANCEBO DÁVALOS, 1996: 62-65; FERRER ALBELDA e DE LA BANDERA ROMERO, 2014b), ao passo que no sul português, e à parte do exemplar alcacereense, este grupo tipológico está representado unicamente na necrópole do Poço Novo 1 (FIGUEIREDO e MATALOTO, 2017: Fig. 8) e na de Palhais, Beja (SANTOS *et al.*, 2017: Fig. 10), exemplos funerários a que haveria que somar uma peça do Castelo de Castro Marim (PEREIRA, 2008: Est. II, n.22).

Embora os dados da necrópole de Medellín permitam entrever uma origem para este modelo de fecho ainda na segunda metade do século VII a.n.e. (LÓPEZ AMBITE, 2008: 516; v. tb. MANCEBO DÁVALOS, 1996: 66; TORRES ORTIZ, 2002: 209), os fechos do Grupo 4 têm vindo a ser tradicionalmente datados do século VI a.n.e. (CUADRADO e ASCENÇÃO, 1970: 513; CERDEÑO SERRANO, 1981: 54; CHAVES TRISTÁN e DE LA

BANDERA ROMERO, 1993: 154-155), cronologia que parece adequada para os exemplares portugueses antes citados. Esta datação indicaria, portanto, que os fechos dos Grupos 3 e 4 são *grosso modo* contemporâneos no sul de Portugal.

Todas as peças deste grupo parecem *a priori* corresponder a elementos ativos de fecho, não se tendo detetado as correspondentes peças passivas, o que impede uma leitura segura da forma como estes fechos seriam utilizados na indumentária funerária do OSM. Note-se ainda assim que W. Schüle, ao publicar parte dos materiais da necrópole, associa uma das peças aqui tratadas (FIG. 6, n. 4) a uma peça serpentina (FIG. 7. n. 14) (SCHÜLE, 1969: Taf. 108. n.3), elemento que habitualmente se associa aos fechos de cinturão “célticos” (v. *infra*), funcionando como elemento passivo dos mesmos. Contudo, e como o próprio autor alemão assinala, estas peças não dispõem de contexto conhecido e não foi possível identificar qualquer evidência de que as mesmas tenham sido utilizadas em conjunto.

Um segundo grupo de peças documentado no OSM integra-se na ‘família’ tipológica dos chamados fechos de cinturão “célticos” (sobre a origem destes fechos, v. JIMÉNEZ ÁVILA, 2004; GRAELLS e LORRIO, 2017) aqui representados por um total de dez exemplares. Dentro deste grupo, podem diferenciar-se dois modelos distintos: por um lado, haveria a mencionar a presença de dois fechos com chanfraduras laterais abertas (FIG. 6, nn.5-6), *grosso modo* assimiláveis ao Tipo Carabias de H. Parzinger e R. Sanz (1986: 172 e Abb. 1, n. 6) e mais concretamente enquadráveis nos tipos CV1a e CV1b/CV2 de M.^a L. Cerdeño Serrano (1978), equivalentes aos tipos B2C1 e B2C de A. Lorrio (1997: Fig. 89); seguindo um sistema de notação mais recente, estas peças podem ainda classificar-se como pertencentes aos tipos 1.2.1a.2.1.1.4a/5.B e 1.2.1b.2.1.2.4a/5.B de R. Graells e A. Lorrio (2017: 34).

M.^a L. Cerdeño Serrano (1978: 283) situou as peças deste tipo num intervalo cronológico entre os meados do século VI e os inícios do V a.n.e., cronologia que genericamente tem vindo a ser aceite pela investigação posterior. A documentação do OSM não contradiz necessariamente essa datação; no entanto, um exemplar exumado por A. Cavaleiro Paixão em associação com elementos de rodas de um carro e de peças de mobiliário na sua sepultura G10 (PAIXÃO, 1970: 85-87) deve considerar-se antigo dentro desta série, não devendo a sua datação avançar muito para além do limite cronológico superior antes

mencionado (meados do século VI a.n.e.) e podendo inclusivamente ser algo mais antigo, dado que em certa medida referenda a cronologia alternativa proposta por H. Parzinger e R. Sanz, que situam o seu Tipo Carabias na primeira metade do século VI a.n.e. (PARZINGER e SANZ, 1986: 172).

Por outro lado, o conjunto alcacerense engloba também peças com chanfraduras laterais fechadas, integráveis no Tipo Osma de H. Parzinger e R. Sanz (1986: 174). Documentou-se nomeadamente uma peça integrável no tipo DII2 de M.^a L. Cerdeño (1978), equivalente ao tipo B3A3 de A. Lorrio (1997: Fig. 89) (Fig. 7, n.13), e cinco exemplares claramente atribuíveis ao tipo DIII3 de Cerdeño (1978) ou B3B3 de Lorrio (1997: Fig. 89), a que poderá talvez somar-se um sexto exemplar, infelizmente muito incompleto, mas provavelmente integrável neste mesmo tipo (para a classificação destas peças de acordo com o sistema de notação de R. Graells e A. Lorrio [2017], v. Quadro 1) (FIG. 6, nn.7-12). A cronologia proposta para estas peças situa-se, também ela, entre os meados do século VI e os finais do V a.n.e. (CERDEÑO SERRANO, 1978; PARZINGER e SANZ, 1986: 174; TORRES ORTIZ, 2002: 212-213), como bem atestam os dados da necrópole de Medellín (LÓPEZ AMBITE, 2008: Fig. 632).

A estes exemplares haveria a somar uma décima peça que, apesar de corresponder seguramente a um fecho de tipo “céltico”, se encontra muito deteriorada, o que impossibilita a sua atribuição a um tipo concreto dentro desta ‘família’ tipológica. A este inventário haveria por fim que acrescentar também um conjunto de peças metálicas formando meandros correspondentes à parte passiva deste tipo de fechos (cf. Tipo EI de CERDEÑO SERRANO, 1978), estando contabilizados no OSM nove exemplares (FIG. 6, nn.14-18), dos quais apenas três se encontram claramente associados a peças ativas (FIG. 7, nn.5-8).

O conjunto de fechos de cinturão “célticos” do OSM apresenta algumas particularidades de nota que parece importante salientar neste contexto. Desde logo, merece menção a ausência de qualquer exemplar do chamado “Tipo Acebuchal” (PARZINGER e SANZ, 1986: 170-171) (Tipo CII de Cerdeño [1978] ou B1D1 de Lorrio [1997]), muito habitual nos contextos orientalizantes do sudoeste peninsular (cf. TORRES ORTIZ, 2002: 212; LÓPEZ AMBITE, 2008: 520-521; FERRER ALBELDA e DE LA BANDERA ROMERO, 2014b: 410-413) e também bem representado no sul português (FABIÃO, 1996: 45 e Fig. 2; ARRUDA *et al.*, 2017:

204-206; PEREIRA, 2018: Est. 136, n.12; cf. tb. ALMEIDA e FERREIRA, 1967; MATALOTO, 2010-2011: Fig. 8).

Em contrapartida, os exemplares dos tipos CV1a e CV1b/CV2 de Cerdeño Serrano (1978) do OSM não contam com paralelos regionais expressivos. Com efeito, e embora o modelo genérico em questão se encontre representado sobretudo no nordeste peninsular (CERDEÑO SERRANO, 1978: 285) e na área celtibérica da Meseta (LORRIO, 1997: Fig. 90; v. tb. PARZINGER e SANZ, 1986: Abb. 3), R. Graells e A. Lorrio, identificam a peça alcacerense como parte de uma série diferenciada, cujos únicos outros exemplares se encontram atribuídos ao povoado de Los Castillejos de Sanchorreja, em Ávila (GRAELLS e LORRIO, 2017: Fig. 21). Na opinião destes autores, a origem desta série deveria contudo buscar-se na Baixa Andaluzia, evocando nomeadamente uma peça da necrópole de La Joya, Huelva, que poderia constituir o protótipo das restantes peças citadas (GRAELLS e LORRIO, 2017: 61-62).

Já as peças dos tipos DII2 e, sobretudo, DIII3 da mesma autora (CERDEÑO SERRANO, 1978) encontram-se, elas sim, relativamente bem representadas no sul do atual território português, com exemplos documentados na própria área urbana de Alcácer do Sal, na Rua do Rato (ARRUDA *et al.*, 2021), nas necrópoles da Torre de Palma (LANGLEY *et al.*, 2008: Fig. 5, n. 6) e da Tera, Mora (MATALOTO, 2010-2011: Fig. 8) e, já no Baixo Tejo, em Freiria, Cascais (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2013: Fig. 11, n.5).

A distribuição espacial dos exemplares deste último tipo não deixa de chamar a atenção pelo seu carácter relativamente setentrional dentro da área em apreço, parecendo marcar um eixo de conexão preferencial entre o Baixo Sado e o Baixo Tejo, o Alentejo Central e a Extremadura espanhola, onde este tipo de fechos está também bem representado (LÓPEZ AMBITE, 2008: 521-523).

Finalmente, no OSM foram também recolhidas quatro peças pertencentes a três fechos de tipo dito “ibérico” (FIG. 7, nn.19-22), uma classe de artefactos relacionados com a indumentária muito comum nos âmbitos culturais ibérico e celtibérico, mas que, à parte de Alcácer do Sal, parece estar completamente ausente nos contextos pré-romanos do sudoeste peninsular (v. GRAELLS *et al.*, 2018: 30 e Fig. 16; cf. tb. CABRÉ, 1937; SORIA COMBADIERA e GARCÍA MARTÍNEZ, 1996: 44-60; LORRIO, 1997: 219).

Estas quatro peças procedem de um único contexto sepulcral, a Sepultura 9 de Vergílio Correia (CORREIA, 1972 [1925b]; CORREIA, 1972

[1927]: 173)². Nesta sepultura, datável da primeira metade do século IV a.n.e., exumaram-se portanto o que parecem ser dois fechos completos, o primeiro dos quais se pode integrar no Tipo C1B1 de A. Lorrio (1997: 217), apresentando uma característica decoração tauxiada a prata, que pode aproximar-se sem dificuldades dos padrões decorativos da 4ª Série de J. Cabré (1937: 10-13). O segundo fecho exumado nesta sepultura, cuja peça ativa se encontra infelizmente muito alterada, pode por seu turno classificar-se no Tipo C2A1 ou C3C1 de A. Lorrio (1997: 217); a peça passiva, mais bem preservada, ostenta uma decoração tauxiada próxima nos seus detalhes da 5ª Série de J. Cabré (1937: 14).

A presença – pontual, é certo – destes fechos de cinturão “ibéricos” no OSM não deixa de causar estranheza, constituindo um caso isolado no panorama regional atualmente conhecido. Naturalmente, é possível que esse facto resulte unicamente da escassez de dados disponíveis para o mundo funerário (e não só) da II Idade do Ferro no sul português (GOMES, 2019b), mas o certo é que o uso destas peças por parte da comunidade local – e especificamente da elite local, a julgar pela riqueza do espólio da anteriormente citada Sepultura 9 (CORREIA, 1972 [1925b]; 1972 [1927]: 173) – merece ser salientada.

Por outro lado, caberia assinalar que, apesar da escassez dos exemplos materiais exumados na necrópole, é possível que estes fechos, ou outros da mesma ‘família’ tipológica, tenham tido um impacto mais amplo na indumentária local, e particularmente na indumentária de elite, na medida em que um dos *ex votos* de bronze recuperados na envolvente do putativo santuário documentado nas escavações do Convento de Araceli, concretamente um exemplar figurando um guerreiro, parece ostentar um cinturão fixado com um fecho que, apesar de muito esquematicamente representado, poderia corresponder ao tipo em apreço (GOMES, 2008: 67).

Em todo o caso, a presença destes fechos na necrópole alcacerense deve ler-se à luz da presença de um conjunto de outros elementos de cariz “iberizante” igualmente documentados no OSM (GOMES, 2018) e que parecem evidenciar que, durante a segunda metade do século V e,

² Existe uma inconsistência na atribuição destas peças, que num artigo são atribuídas por Vergílio Correia à sua Sepultura 9 (CORREIA, 1925b: 191) e noutra, ao que parece, à Sepultura 8 (CORREIA, 1927: 173). Optou-se por seguir a numeração apresentada no primeiro artigo, por neste três das peças surgirem ilustradas, o que não deixa lugar a dúvidas quanto à sua identificação.

sobretudo, a primeira metade do IV a.n.e., a comunidade local ampliou a sua tradicional rede de contactos e relações com o sul da península Ibérica, estabelecendo conexões também com a área cultural ibérica do sudeste e levante peninsular. A presença destes fechos – mas também, em certa medida, a abundância e diversidade das fíbulas anulares hispânicas antes comentadas – parece sugerir que esse novo eixo de contactos e interações teve também expressão ao nível da indumentária, e dos códigos sociais de representação que a mesma materializa e que poderíamos qualificar como “moda”.

2.4. Os botões do OSM

Embora a sua associação com elementos de indumentária não seja totalmente clara, caberia ainda citar neste âmbito um pequeno conjunto de três peças exumadas no OSM que poderiam, com as devidas reservas, interpretar-se como botões (FIG. 8). Todas estas peças correspondem a um mesmo modelo, apresentando um corpo em disco com uma aba pendente, configurando uma secção *grosso modo* trapezoidal; no seu anverso apresentam o que parece ser um elemento de fixação em arco abatido ou de tendência ligeiramente trapezoidal.

Estes elementos poderão ter correspondido a peças de fixação e/ou decoração de vestimentas, embora não sejam de excluir outras opções, como um uso, prático ou decorativo, noutro tipo de elementos, nomeadamente em cinturões, bainhas destinadas a peças de armamento, arreios de cavalo, ou mesmo peças de mobiliário. Ainda assim, parece útil citar estes elementos como uma achega para um estudo dos botões de bronze da Idade do Ferro do sul português (v., p. ex., JIMÉNEZ ÁVILA e ANTUNES, 2019: 139-149), que se encontra ainda num estado muito incipiente por comparação, por exemplo, com o dos botões/ apliques discoides de ouro da mesma época (v. VILAÇA e ARMBRUSTER, 2012; VILAÇA *et al.*, 2015; ARRUDA, VILAÇA e GOMES, 2022).

2.5. Comentário de conjunto aos complementos de indumentária do OSM

Em face do panorama exposto nas páginas precedentes, parece possível afirmar que, durante a Idade do Ferro, a evolução da indu-

mentária da comunidade local de Alcácer do Sal (FIGS. 9 e 10) – e, em particular, a sua indumentária funerária, que poderá de alguma forma corresponder a uma versão sublimada da indumentária do quotidiano – constituiu um reflexo claro da sua evolução sociopolítica e, sobretudo, da geografia cambiante das suas relações e afinidades sociais, políticas, económicas e culturais com outras áreas peninsulares.

Com efeito, parece evidente que essa comunidade adotou de forma periódica ao longo do I milénio a.n.e. determinados códigos de representação sociocultural expressos através da indumentária, que poderíamos talvez designar como “modas” no sentido sociológico e antropológico do termo. No entanto, parece igualmente claro que essa adoção não constituiu um processo linear nem automático, tendo pelo contrário implicado uma adaptação mediada por fatores sociais, políticos, culturais, e até de gosto, que podem nalguns casos entrever-se, mas nem sempre restituir-se de forma satisfatória.

Assim, por exemplo, durante as fases iniciais da necrópole assiste-se ao que poderia ser uma relativa continuidade com as pautas de ostentação de uma indumentária de prestígio herdadas do período precedente, materializadas na presença de um pequeno conjunto de peças de origem ou, pelo menos, de inspiração mediterrânea (fíbulas dos Tipos Ponte 1, 4 e 5). No entanto, e se é certo que essa continuidade ao nível da linguagem de prestígio, estatuto e poder é perfeitamente compatível com o panorama geral observado no OSM para estes momentos (cf. GOMES, 2020: 1115-1116), a cronologia geralmente recuada das peças dos modelos citados dificulta o correto enquadramento dos exemplares alcacerenses, que devem neste âmbito ser interpretados com as devidas reservas.

Em contrapartida, e em paralelo com a consolidação da formação sociopolítica da Idade do Ferro em Alcácer do Sal e com a sua plena integração na *koiné* “orientalizante” do sudoeste peninsular, assiste-se à introdução de determinados modelos de complementos de indumentária – e certamente, com estes, de certos elementos e estilos de vestimenta – compartilhados à escala do sudoeste peninsular. É certamente o caso das fíbulas de dupla mola (Ponte 3) e, sobretudo, do pequeno conjunto de fíbulas de tipo “Acebuchal” (Ponte 9), dos fechos de cinturão “tartéssicos” e de alguns dos modelos de fechos de cinturão “célticos”.

Apesar disso, e como houve oportunidade de notar, o repertório dos complementos metálicos de indumentária desta fase no OSM,

quando visto à luz do seu contexto regional, apresenta também notórios particularismos que parecem refletir as especificidades do processo histórico local.

Assim, e por exemplo, a escassez de fíbulas integráveis nos modelos “clássicos” da I Idade do Ferro do sudoeste peninsular poderia explicar-se, como já foi mencionado, por um progressivo desinvestimento no cenário da morte como consequência da consolidação de outras arenas de encenação do estatuto, do poder e da identidade, que explicaria também a apesar de tudo reduzida representatividade dos fechos de cinturão “tartéssicos” e a ausência dos modelos mais antigos de fechos de cinturão “célticos”, nomeadamente os de Tipo “Acebuchal”.

Por outro lado, a tipologia específica dos fechos de cinturão – quer os de tipo “tartéssico” quer, sobretudo, os de tipo céltico – parecem apontar para uma indumentária compartida essencialmente ao nível das periferias (no sentido geográfico) da já citada *koiné* “orientalizante”, diferenciando-se, pelo menos nalguns aspetos de detalhe, dos tipos dominantes na área nuclear da Baixa Andaluzia.

Esta dinâmica poderia resultar de dois fatores distintos, mas potencialmente complementares: por um lado, um processo ativo de adaptação de modelos forâneos no contexto de centros artesanais locais / regionais situados nestas regiões; por outro, um potencial arraigamento dos gostos e modos de vestir “orientalizantes” nesta região que lhes permite sobreviver no tempo (mesmo que por um período comparativamente curto) para lá da chamada “crise do século VI a.n.e.”, que, na Baixa Andaluzia, ditou uma profunda reestruturação não apenas socio-política mas também cultural.

Em todo o caso, a abertura da comunidade local às formas de vestir em voga num âmbito regional alargado parece também bem atestada nas fases finais da I Idade do Ferro e na transição para a II Idade do Ferro, como bem atesta a presença de um conjunto nutrido de fíbulas anulares hispânicas integráveis em modelos potencialmente antigos (especialmente dos Tipos Ponte 13, 14, 15 e 17). É aliás notória a adesão da comunidade local a este novo tipo de complemento de indumentária, que proliferará de forma expressiva durante a II Idade do Ferro, deixando mesmo pouco ou nenhum espaço a outros modelos introduzidos durante as etapas finais desse período, ao contrário do sucedido noutras áreas do Sul português (cf. *supra*).

Caberia questionar-se se esta popularidade e arraigamento das fíbulas anulares hispânicas poderá de alguma forma relacionar-se – ou,

pelo menos, reforçar-se – com o estabelecimento de laços entre a comunidade alcacerense e os grupos ibéricos do sudeste e levante peninsular, junto dos quais este modelo de fibula conheceu uma inegável popularidade e desenvolvimento (cf. CUADRADO, 1957; SÁNZ GAMO, LÓPEZ PRECIOSO e SORIA COMBADIERA, 1992: 99-208; PONTE, 2006: 156-218). Esta ideia parece compatível, entre outros elementos (cf. GOMES, 2018), com a presença dos fechos de cinturão “ibéricos” antes comentados, que constituem uma clara peculiaridade do OSM sem quaisquer paralelos regionais.

No entanto, parece importante assinalar que, a ter existido, esta influência ibérica ou “iberizante” na indumentária local terá sido muito restrita no tempo. Com efeito, a presença de fechos de cinturão “ibéricos” reveste-se, como se viu, de um carácter pontual, ao passo que a ausência quase total de fíbulas com esquemas de La Tène I, muito bem representadas nos ambientes culturais ibéricos (v., p. ex., SÁNZ GAMO, LÓPEZ PRECIOSO e SORIA COMBADIERA, 1992: 209-334), sugere que essa influência não se terá estendido até aos momentos finais da Idade do Ferro, ou, como alternativa, que foi contrariada pelo arraigamento local de outros modelos e das formas de vestir que se lhes associam.

Por último, não pode deixar de se assinalar que a limitada informação contextual disponível para o material do OSM, somado à total ausência de estudos bioantropológicos, não permite no estado atual dos nossos conhecimentos desenvolver análises concretas sobre o perfil específico dos portadores de cada um dos tipos de complementos de vestimenta antes analisados. Ainda assim, e a título comparativo, parece legítimo elencar aqui alguns dados recolhidos noutros sítios do sudoeste peninsular que, com as devidas reservas, poderiam permitir uma aproximação a esse perfil.

Deste modo, poderia começar por dizer-se que a proliferação de estudos bioantropológicos sobre necrópoles da I Idade do Ferro deste âmbito regional alargado permite entrever a existência de indumentárias diferenciadas por sexos com complementos metálicos próprios, ainda que existam variações e flutuações que não permitem qualquer tipo de extrapolação automática.

Assim, por exemplo, tem-se vindo a confirmar nos últimos anos uma associação tendencial dos fechos de cinturão “célticos” a indivíduos do sexo masculino e, inversamente, dos fechos de cinturão “tartésicos” a indivíduos do sexo feminino (por exemplo, em La Angorrilla [FERRER ALBELDA e DE LA BANDERA ROMERO, 2014b: Tabla 1], na

Vinha das Calijas 4 [ARRUDA *et al.*, 2017: Tabela 1] ou na própria necrópole de Medellín [LÓPEZ AMBITE, 2008: Fig. 632]). Infelizmente, não contamos com elementos para aferir se esta tendência é ou não extensível ao caso do OSM, embora a presença de um fecho “céltico” na Sepultura G10 de A. Cavaleiro Paixão (1970: 85-87), que continha outros elementos frequentemente associados a indivíduos masculinos, incluindo restos de um carro e de um ou mais elemento(s) de mobiliário, poderia apontar nesse sentido.

Por outro lado, não deve esquecer-se que nos últimos anos surgiram certas evidências de que alguns dos elementos aqui discutidos – e particularmente os fechos de cinturão “tartéssicos” – poderão em certos casos ter-se incorporado nos inventários das sepulturas não como complementos de indumentária, mas como elementos de fecho de mortalhas ou sudários que envolviam o defunto (cf. LÓPEZ FLORES, 2014: 569; FERNÁNDEZ FLORES *et al.*, 2014: 284).

Por razões óbvias, um uso desse tipo é substancialmente mais difícil de documentar em contextos onde a cremação constituiu o modo dominante de tratamento do cadáver, e não existe de momento qualquer evidência positiva do uso de envoltórios no OSM. No entanto, parece importante reter este dado, que permite abrir o espectro da interpretação do material procedente desta necrópole a outras hipóteses funcionais.

Já em relação às fíbulas, aprecia-se igualmente durante estas etapas iniciais da Idade do Ferro uma repartição preferencial em função do sexo dos defuntos, embora porventura menos marcada do que no caso dos fechos. Ainda assim, e consideradas na sua globalidade, as fíbulas das necrópoles de recintos da região de Beja (e.g. ARRUDA *et al.*, 2017; FIGUEIREDO e MATALOTO, 2017; SANTOS *et al.*, 2017; SOARES *et al.*, 2017; VALÉRIO *et al.*, 2021), de La Angorrilla (FERRER ALBELDA e DE LA BANDERA ROMERO, 2017), ou mesmo, em menor medida, de Medellín (TORRES ORTIZ, 2008), associam-se preferencialmente a indivíduos do sexo masculino; não faltam contudo exemplos – sempre minoritários, é certo – da associação de fíbulas a indivíduos do sexo feminino, sobretudo no último dos conjuntos funerários citados.

Por outro lado, e embora mais ténues do que no caso antes comentado dos fechos “tartéssicos”, existem também evidências do potencial uso de fíbulas como fechos de sudários ou mortalhas (FIGUEIREDO e MATALOTO, 2017: 387) e não propriamente como complementos de vestimenta, que caberia no futuro confrontar com novas evidências e novas intervenções.

Infelizmente, não contamos de momento com evidências do mesmo género para contextos regionais posteriores aos inícios do século V a.n.e. que nos permitam qualquer tipo de aproximação informada à evolução diacrónica destas associações de género dos complementos aqui discutidos ao longo da II Idade do Ferro, continuando a devida interpretação da(s) identidade(s) dos seus portadores a constituir um assunto pendente e bem merecedor de futura atenção por parte da investigação.

De qualquer modo, estas evidências externas não podem em nenhum caso extrapolar-se de forma automática para o material da necrópole alcacerense, mas permitem pelo menos entrever alguns dos possíveis fatores subjacentes ao uso das fíbulas e dos fechos aqui analisados que, à falta de uma documentação de campo e de estudos bioantropológicos detalhados, nos escapam. No entanto, e quando cruzados com os dados sobre o perfil específico dos complementos de indumentária procedentes do OSM e com a geografia dos seus paralelos, estes dados permitem vislumbrar as distintas vertentes de informação a que se pode aceder através de um estudo integrado deste tipo de materiais.

3. O presente e o futuro do estudo da indumentária na Idade do Ferro do sul de Portugal: algumas considerações finais

Apesar das muitas dificuldades que se foram apontando, o estudo dos complementos de indumentária do OSM permite ilustrar o potencial de uma leitura integrada, combinando a seriação dos materiais em si mesmos, a sua contextualização na sequência histórica do sítio e uma abordagem comparativa mais abrangente, à escala regional. Se é certo que essa leitura não permite superar todas as incógnitas que persistem em torno da composição, do significado e da evolução da indumentária ao longo da Idade do Ferro, parece no mínimo aceitável afirmar que demonstra como mesmo materiais com coordenadas contextuais limitadas podem ainda ser explorados como fontes de informação significativas.

No entanto, o presente contributo não tem a pretensão de esgotar todas as potenciais vias de análise disponíveis para uma reconsideração deste tipo de materiais e, sobretudo, para aprofundar a compreensão da configuração da vestimenta da Idade do Ferro e dos fatores que condicionaram a sua variação, tanto sincrónica como diacrónica.

Entre as várias linhas de análise que permanecem virtualmente por explorar incluem-se, entre outras, as abordagens experimentais (v. DAVIDSON, 2019). No caso das fíbula, por exemplo, seria teoricamente possível utilizar reproduções fiéis à configuração e mecânica das peças originais para aferir da sua adaptabilidade e da sua usabilidade com têxteis de diferentes naturezas, espessuras e qualidades e com vestimentas de distinta configuração e complexidade, comparando os resultados obtidos com os padrões morfométricos dos exemplares exumados em contextos arqueológicos e com as marcas de uso / quebra patentes nalguns deles.

Outros fatores frequentemente obviados no estudo da indumentária deste período, como a sazonalidade e, de uma forma mais geral, as condições climáticas das diversas sub-regiões que compõem o sudoeste peninsular, permanecerão sem dúvida mais difíceis de abordar, mas futuros estudos mais detalhados e ambiciosos dedicados a este tema poderão também encontrar elementos de interesse nos dados paleoambientais que vão apesar de tudo começando a estar disponíveis para o I milénio a.n.e. (TORRES-MARTÍNEZ, 2014).

Nos casos de determinados conjuntos funerários em que foi possível determinar que a implantação das sepulturas seguiu de forma mais ou menos evidente determinadas orientações astronómicas, e concretamente solares (v., p. ex., ESTEBÁN LÓPEZ, 2014), a dispersão dessas orientações em função da posição do sol ao longo do ano poderia também permitir estabelecer uma aproximação a eventuais variações sazonais na composição da indumentária, embora aqui as diferenças de ordem ideológica entre a vestimenta funerária e a do quotidiano possam tender a encobrir esses fatores de índole mais pragmática.

Por outro lado, e como houve já oportunidade de comentar acima, a recolha de novos dados em contextos bem documentados e estudados abre toda uma série de novas perspetivas para um estudo comparativo como aquele que aqui se procurou desenvolver. Com efeito, e se é certo que nunca será possível extrapolar com segurança os padrões que venham a emergir desses novos dados, as tendências que através deles se possam vislumbrar constituirão sem dúvida indicações importantes para a análise daquele material cujo contexto é, infelizmente, irrecuperável.

Há, assim, diversas frentes de trabalho abertas à investigação futura sobre a indumentária na Idade do Ferro do sul de Portugal, todas elas no mínimo promissoras. Parece por isso credível que o incremento

dos dados disponíveis, resultante de novos trabalhos de campo com metodologias de registo cada vez mais apuradas, somado à reconsideração de conjuntos mais ou menos antigos desde perspectivas inovadoras, venha a permitir avanços importantes sobre este tema num futuro que se deseja próximo.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito da Ação COST *EuroWeb – Europe through Textiles* (CA19131), financiado pela COST – European Cooperation in Science and Technology.

BIBLIOGRAFIA

- ALFARO GINER, Carmen (1983) – Fragmentos textiles del sarcófago antropomorfo femenino de Cádiz, in *Homenaje al Prof. Martín Almagro Basch*, Madrid, pp. 281-289.
- ALFARO GINER, Carmen (1984) – *Tejido y Cestería en la Península Ibérica desde la Prehistoria hasta la Romanización*, Madrid.
- ALFARO GINER, Carmen (2007) – A study of Textile Remains from the Necropolis in Angorrilla, Alcalá del Río, Seville, Spain, *Archaeological Textiles Newsletter*, 45, pp. 2-7.
- ALFARO GINER, Carmen (2012) – Spain, in GLEBA, Margarita; MANNERING, Ulla, eds. – *Textiles and Textile Production in Europe from Prehistory to AD 400*, Oxford, pp. 334-348.
- ALFARO GINER, Carmen (2014) – Estudio de los restos textiles de la Angorrilla, in FERNÁNDEZ FLORES, Álvaro; RODRÍGUEZ AZOGUE, Araceli; CASADO ARIZA, Manuel; PRADOS PÉREZ, Eduardo, coords. – *La necrópolis de época tartésica de La Angorrilla, Alcalá del Río, Sevilla*, Sevilla, pp. 639-644.
- ALFARO GINER, Carmen; TÉBAR MEGÍAS, Estibalíz (2007) – Phoenician Textiles of Carmona (Seville) in the Hispanic Society Collection (New York), in RAST-EICHER, Antoinette; WINDLER, Renata, eds. – *Archäologische Textilfunde – Archaeological Textiles*, Ennenda, pp. 65-70.
- ALMEIDA, Fernando d'; FERREIRA, Octávio da Veiga (1967) – Fechos e placas de cinturão, hallstáticos, encontrados em Portugal, *O Archeologo Português*, S.3:1, pp. 81-95.
- ARNAUD, José Morais (1979) – Corôa do Frade. Fortificação do Bronze final dos arredores de Évora. Escavações de 1971-1972, *Madridrer Mitteilungen*, 20, pp. 56-100.

- ARRUDA, Ana Margarida (2008) – Estranhos numa terra (quase) estranha: os contactos pré-coloniais no Sul do território actualmente português, in CELESTINO, Sebastián; RAFEL, Núria; ARMADA, Xosé-Lois, eds. – *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII a.n.e.). La precolonización a debate*, Madrid, pp. 355-370.
- ARRUDA, Ana Margarida; BARBOSA, Rui; GOMES, Francisco B.; SOUSA, Elisa de (2017) – A necrópole da Vinha das Calijas (Beja, Portugal), in JIMÉNEZ ÁVILA, Javier, coord. – *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*, Mérida, pp. 187-225.
- ARRUDA, A. M.; SOUSA, E. de; FERREIRA, M.; LOURENÇO, P.; CARVALHO, A. (2021) – *El Orientalizante en Portugal. Nuevos datos de Alcácer do Sal*, Barcelona.
- ARRUDA, A. M.; VILAÇA, R.; GOMES, F. B. (2022) – Ornamentos de vestuario orientalizantes en Portugal: una panorámica de la situación actual, in GRAELLS, R.; CAMACHO, P.; LORRIO, A., coords. – *Ornamentos y elementos del vestuario en el arco litoral mediterráneo-atlántico de la Península Ibérica durante la Edad del Hierro (ss. X-V a.C.): Tendencias actuales de investigación*, Alicante, pp. 83-118.
- BARROS, P. (1998) – *Introdução à Pré e Proto História de Almada*, Almada.
- BEIRÃO, Caetano de Mello; SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (1985) – Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações, *O Arqueólogo Português*, S.IV:3, pp. 45-135.
- BERROCAL-RANGEL, Luís (1992) – *Los pueblos célticos del suroeste peninsular*, Madrid.
- BERROCAL-RANGEL, Luís; SILVA, António Carlos (2010) – *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007*, Lisboa.
- BRITO, Maria Antónia de Ascensão e (1968) – *Contributo para a classificação de alguns achados de Alcácer do Sal (Época Pré-Romana)*. Tese de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Inédita.
- CABRÉ, Juan (1937) – Decoraciones hispánicas. II. Broches de cinturón de bronce damasquinados con oro y plata, *Archivo Español de Arqueología*, 13:38, pp. 93-126.
- CARDOSO, Guilherme; ENCARNÇÃO, José de (2013) – O povoamento pré-romano de Freiria – Cascais, *Cira-Arqueologia*, II, pp. 133-180.
- CARDOSO, João Luís (2004) – *A Baixa Estremadura, dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional*, Oeiras.
- CELESTINO PÉREZ, Sebastián; ZULUETA DE LA IGLESIA, Paloma de (2003) – Los Bronces de Cancho Roano, in CELESTINO PÉREZ, Sebastián, ed. – *Cancho Roano IX. Los Materiales Arqueológicos II*, Badajoz, pp. 9-123.
- CERDEÑO SERRANO, María Luisa (1978) – Los broches de cinturón peninsulares de tipo céltico, *Trabajos de Prehistoria*, 35, pp. 279-307.
- CERDEÑO SERRANO, María Luisa (1981) – Los broches de cinturón tartésicos, *Huelva Arqueológica*, 5, pp. 31-56.
- CHAVES TRISTÁN, Francisca; DE LA BANDERA ROMERO, María Luisa (1993) – Los broches de cinturón llamados tartesios. Nuevas aportaciones, in MANGAS, Julio; ALVAR, Jaime, eds. – *Homenaje a José María Blázquez, Vol. II*, Madrid, pp. 139-165.

- CORREIA, Vergílio (1972 [1925a]) – Uma conferência sobre a Necrópole de Alcácer do Sal, in *Obras. Volume IV, Estudos Arqueológicos*, Coimbra, pp. 151-168.
- CORREIA, Vergílio (1972 [1925b]) – Fechos de cinturão da Necrópole de Alcácer do Sal, in *Obras. Volume IV, Estudos Arqueológicos*, Coimbra, pp. 187-195.
- CORREIA, Vergílio (1972 [1927]) – Escavações realizadas na Necrópole Pré-Romana de Alcácer do Sal em 1926 e 1927, in *Obras. Volume IV, Estudos Arqueológicos*, Coimbra, pp. 169-179.
- CORREIA, Vergílio (1972 [1930]) – As fibulas da Necrópole de Alcácer do Sal, in *Obras. Volume IV, Estudos Arqueológicos*, Coimbra, pp. 181-186.
- COSME, Susana Rodrigues (2014) – Um habitat em fossas da Idade do Ferro em Casa Branca 11, na freguesia de Santa Maria, concelho de Serpa, in SILVA, António Carlos; REGALA, Frederico Tatá; MARTINHO, Miguel, coords. – *Actas do 4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O Plano de Rega (2002-2010)*, Beja, pp. 119-124.
- CUADRADO, Emeterio (1957) – La fibula anular hispánica y sus problemas, *Zephyrus*, 8, pp. 5-76.
- CUADRADO, Emeterio; ASCENSÃO, Maria Antónia de (1970) – Broches tartésicos de cinturón de “doble gancho”, in *XI Congreso Nacional de Arqueología*, Zaragoza, pp. 494-514.
- DAVIDSON, H. (2019) – The Embodied Turn: Making and Remaking Dress as an Academic Practice, *Fashion Theory*, 3, pp. 329-362. DOI: <https://doi.org/10.1080/01362704X.2019.1603859>.
- DIAS, Maria Manuela Alves; BEIRÃO, Caetano de Mello; COELHO, Luís (1970) – Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo-Alentejo: Ourique. (Notícia preliminar), *O Arqueólogo Português*, S.3:4, pp. 175-219.
- DIAS, Maria Manuela Alves; COELHO, Luís (1972) – Notável lápide proto-histórica da Herdade da Abóboda – Almodôvar (Primeira notícia), *O Arqueólogo Português*, 3ª S.:5, pp. 181-190.
- DUVAL, Alain; ELUÈRE, Christiane; MOHEN, Jean-Pierre (1974) – Les fibules antérieures au VIe siècle avant nôtre ère, trouvées en France, *Gallia*, 1, pp. 1-61. DOI: <https://doi.org/10.3406/galia.1974.2652>
- ELES MASI, Patrizia von (1986) – *Le fibule dell'Italia settentrionale*, Munique.
- ESTEBÁN López, César (2014) – Orientación de las tumbas y astronomía en la necrópolis de la Angorrilla, in FERNÁNDEZ FLORES, Álvaro; RODRÍGUEZ AZOGUE, Araceli; CASADO ARIZA, Manuel; PRADOS PÉREZ, Eduardo, coords. – *La necrópolis de época tartésica de La Angorrilla, Alcalá del Río, Sevilla*, Sevilla, pp. 639-644.
- ESTRELA, S.; COSTEIRA, C.; ALVES, C.; PORFÍRIO, E.; SERRA, M. (2010) – Torre Velha 3 – um novo ponto no mapa da Idade do Ferro do Sudoeste, in *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste*, Almodôvar, pp. 235-268.
- FABIÃO, Carlos (1996) – O Povoado Fortificado da Cabeça de Vaiamonte (Monforte), *A Cidade*, 11, pp. 35-84.
- FERNÁNDEZ FLORES, Álvaro; PRADOS PÉREZ, Eduardo; RODRÍGUEZ AZOGUE, Araceli (2014) – El cementerio de época tartésica. Aspectos rituales, in FERNÁNDEZ

- FLORES, Álvaro; RODRÍGUEZ AZOGUE, Araceli; CASADO ARIZA, Manuel; PRADOS PÉREZ, Eduardo, coords. – *La necrópolis de época tartésica de La Angorrilla, Alcalá del Río, Sevilla*, Sevilha, pp. 251-320.
- FERRER ALBELDA, Eduardo; DE LA BANDERA ROMERO, María Luisa (2014a) – Las fibulas, in FERNÁNDEZ FLORES, Álvaro; RODRÍGUEZ AZOGUE, Araceli; CASADO ARIZA, Manuel; PRADOS PÉREZ, Eduardo, coords. – *La Necrópolis de Época Tartésica de La Angorrilla, Alcalá del Río, Sevilla*, Sevilha, pp. 393-402.
- FERRER ALBELDA, Eduardo; DE LA BANDERA ROMERO, María Luisa (2014b) – Los broches de cinturón, in FERNÁNDEZ FLORES, Álvaro; RODRÍGUEZ AZOGUE, Araceli; CASADO ARIZA, Manuel; PRADOS PÉREZ, Eduardo, coords. – *La Necrópolis de Época Tartésica de La Angorrilla, Alcalá del Río, Sevilla*, Sevilha, pp. 402-428.
- FIGUEIREDO, Margarida; MATALOTO, Rui (2017) – Necrópoles rurais sidéricas do Baixo Alentejo setentrional: sociedade e mundo funerário nos Barros de Beja, in JIMÉNEZ ÁVILA, Javier, coord. – *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*, Mérida, pp. 353-398.
- GOMÁ RODRÍGUEZ, Juan Luís (2019) – Origin and sequence of the earliest fibulae in the Iberian Peninsula, *CuPAUAM*, 45, pp. 69-112. DOI: <http://doi.org/10.15366/cupauam2019.45.004>.
- GOMES, Esmeralda (2008) – *Os ex-votos proto-históricos do Castelo de Alcácer do Sal*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédita.
- GOMES, Francisco B. (2016) – *Contactos culturais e discursos identitários na I Idade do Ferro (séculos VIII-V a.n.e.): leituras a partir do registo funerário*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédita. URL: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/25042>.
- GOMES, Francisco B. (2016-2017) – A evolução dos rituais funerários da Idade do Ferro no Ocidente Peninsular: uma nova proposta de faseamento para a necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal), *O Arqueólogo Português*, S.V:6/7, pp. 15-57.
- GOMES, Francisco B. (2017) – Novos dados sobre a ocupação de Época Romana Republicana da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal): o espólio metálico, in ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea, eds. – *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*, Lisboa, pp. 1137-1148.
- GOMES, Francisco B. (2018) – The Olival do Senhor dos Mártires necropolis (Alcácer Do Sal, Portugal) during the Late Iron Age: New social, political and cultural insights, *Zephyrus*, LXXXI, pp. 117-139. DOI: <https://doi.org/10.14201/zephyrus201881117139>.
- GOMES, Francisco B. (2019a) – Early Iron Age terracottas from Southern Portugal: Towards the definition of a regional coroplastic tradition, *Les Carnets de l'ACoSt*, 19, s/p. DOI: <https://doi.org/10.4000/acost.1729>.
- GOMES, Francisco B. (2019b) – El mundo funerario prerromano en el sur de Portugal (siglos V/IV – II a. n. e.): (pocos) datos y (algunos) problemas,

Archivo Español de Arqueología, 93, pp. 43-62. DOI: <https://doi.org/10.3989/aespa.092.019.002>.

- GOMES, Francisco B. (2020) – New perspectives on the Early Iron Age necropolis of Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal, Portugal), in CELESTINO PÉREZ, S.; RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, E., eds. – *Un viaje entre el Oriente y el Occidente del Mediterráneo. Actas del IX Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*, Mérida, pp. 1111-1122.
- GOMES, Francisco B.; ALVES, Catarina (2017) – The final phases of the Olival do Senhor dos Mártires necropolis (Alcácer do Sal, Portugal): the Roman Republican material, *SPAL*, 26, pp. 87-111. DOI: <https://doi.org/10.12795/spal.2017i26.04>.
- GOMES, Mário Varela (1983) – El “smiting god” de Azougada (Moura), *Trabajos de Prehistoria*, 40:1, pp. 199-200.
- GRAELLS, Raimon (2014) – Problemas de cultura material. Las fíbulas itálicas de la Primera Edad del Hierro en el Golfo de León Occidental, *Madridier Mitteilungen*, 55, pp. 212-315.
- GRAELLS, Raimon; LORRIO, Alberto (2017) – *Problemas de cultura material: Broches de cinturón decorados a molde de la Península Ibérica (s. VII-VI A.C.)*, Alicante.
- GRAELLS, Raimon; LORRIO, Alberto; CAMACHO, Pablo (2018) – *La colección de objetos protohistóricos de la Península Ibérica. I. Broches de Cinturón, Placas y Fíbulas*, Mainz.
- GUERRA, Amílcar (2017) – Epigrafía e imagem nas estelas epigrafadas do Sudoeste, *Palaeohispanica*, 17, pp. 95-113.
- JIMÉNEZ ÁVILA, Javier (2002) – *La toréutica orientalizante en la Península Ibérica*, Madrid.
- JIMÉNEZ ÁVILA, Javier (2004) – Las sandalias de Apolo. Sobre el origen griego de los cinturones «célticos», *Archivo Español de Arqueología*, 76, pp. 31-46.
- JIMÉNEZ ÁVILA, Javier (coord.) (2017) – *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*, Mérida.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J.; ANTUNES, A. S. (2019) – Los bronceos del “Conjunto sepulcral de Guerreiro” en el Museo Nacional de Arqueología (Lisboa): En torno al Periodo Postorientalizante en el Sur de Portugal, *CuPAUAM*, 45, pp. 113-178. DOI: <https://doi.org/10.15366/cupauam2019.45.005>.
- JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; MATALOTO, Rui; CALADO, Manuel; GONÇALVES, Luís (2017) – Lapa da Cova (Sesimbra): a coastal sanctuary on the western boarder of the Mediterranean, in GUIRGUIS, Michele, ed. – *From the Mediterranean to the Atlantic: people, goods and ideas between East and West. II. 8th International Congress of Phoenician and Punic Studies*, Pisa/ Roma, pp. 309-316.
- LANGLEY, Maia; MATALOTO, Rui; BOAVENTURA, Rui (2008) – A necrópole sidérica de Torre de Palma (Monforte, Portugal), in JIMÉNEZ ÁVILA, Javier, coord. – *Sidereum Ana I. El Río Guadiana en Época Post-Orientalizante*, Madrid, pp. 283-303.
- LÓPEZ AMBITE, Fernando (2008) – Broches de cinturón, in ALMAGRO-GORBEA, Martín, dir. – *La necrópolis de Medellín. II. Estudio de los hallazgos*, Madrid, pp. 514-528.

- LÓPEZ FLORES, Inmaculada (2014) – Estudio antropológico de la necrópolis de la Angorrilla, in FERNÁNDEZ FLORES, Álvaro; RODRÍGUEZ AZOGUE, Araceli; CASADO ARIZA, Manuel; PRADOS PÉREZ, Eduardo, coords. – *La necrópolis de época tartésica de La Angorrilla, Alcalá del Río, Sevilla*, Sevilla, pp. 557-604.
- LORRIO, Alberto (1997) – *Los Celtiberos*, Madrid.
- LUVAAS, Brent; EICHER, Joanne B., eds. (2019) – *The Anthropology of Dress and Fashion. A Reader*, Londres.
- MANCEBO DÁVALOS, Julián (1996) – El yacimiento orientalizante de Alhorín I (Sevilla): estado actual de la investigación sobre los broches de cinturón tartésicos, *Antiquitas*, 7, pp. 53-68.
- MARÍN-AGUILERA, Beatriz; RODRÍGUEZ-GONZÁLEZ, Esther; CELESTINO, Sebastián; GLEBA, Margarita (2017) – Dressing the sacrifice: textiles, textile production and the sacrificial economy at Casas del Turuñuelo in fifth-century BC Iberia, *Antiquity*, 93(370), pp. 933-953. DOI: <https://doi.org/10.15184/aqy.2019.42>.
- MARQUES, Gustavo; ANDRADE, Gil Miguéis de (1974) – Aspectos da proto-história do território português. 1 – Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro), in *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto, pp. 124-148.
- MATALOTO, Rui (2010-2011) – Os Senhores da Terra: necrópoles e comunidades rurais do território alto alentejano nos séculos VI-V aC, *Arqueologia e História*, 60-61, pp. 77-100.
- MAYET, Françoise; SILVA, Carlos Tavares da (2000) – *L'établissement phénicien d'Abul. Portugal*, Paris.
- MIGUEL, Lúcia; ARRUDA, Ana Margarida; ALBUQUERQUE, Pedro (no prelo) – A necrópole de Lobeira da Figueira (Beja, Portugal), in ALBUQUERQUE, Pedro; SÁEZ ROMERO, António; GARCÍA FERNÁNDEZ, Francisco José, eds. – *Eternidades Compartidas: el mundo funerario a occidente de las Columnas de Melqart*, Sevilla.
- MIGUEZ, João (2010) – *As fíbulas do Sudoeste da Península Ibérica enquanto marcadores étnicos: o caso das Mesas do Castelinho*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédita.
- PAIXÃO, António Cavaleiro (1970) – *A necrópole do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal. Novos elementos para o seu estudo*. Tese de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédita.
- PAIXÃO, António Cavaleiro (1983) – Uma nova sepultura com escaravelho da necrópole proto-histórica do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal, *O Arqueólogo Português*, S. 4:1, pp. 273-286.
- PAIXÃO, António Cavaleiro (2014) – A necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). Novos elementos para o seu estudo, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21, pp. 429-460.
- PARZINGER, Hermann; SANZ, Rosa (1986) – Zum ostmediterranen Ursprung einer Gürtelhakenform der Iberischen Halbinsel, *Madriider Mitteilungen*, 27, pp. 169-195.

- PEREIRA, Carlos; ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa de (2019) – Os artefactos metálicos da Idade do Ferro de Monte Molião (Lagos, Portugal), *Lucentum*, 38, pp. 77-88. DOI: <http://dx.doi.org/10.14198/LVCENTVM2019.38.03>.
- PEREIRA, Teresa Rita (2008) – *Os Artefactos Metálicos do Castelo de Castro Marim na Idade do Ferro e em Época Romana. Metalurgia em transição: a amostra numa análise de conjunto*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédita.
- PEREIRA, Teresa Rita (2018) – *O papel do exército no processo de romanização: a cabeça de Vaia Monte (Monforte) como estudo de caso*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. Inédita.
- PONTE, Salete da (1984) – Fíbulas do Museu Etnográfico e Arqueológico Dr. Joaquim Manso (Nazaré), *Conimbriga*, 23, pp. 87-95.
- PONTE, Salete da (1985) – Algumas fíbulas de Alcácer do Sal, *O Arqueólogo Português*, S. IV:3, pp. 137-154.
- PONTE, Salete da (1986a) – Uma fibula de Mondim da Beira, *Beira Alta*, 45:1-2, pp. 70-71.
- PONTE, Salete da (1986b) – Valor residual de seis fíbulas da região de Beja – dimensão arqueológica e significado sócio-cultural, *Arquivo de Beja*, 2ª S.:3, pp. 75-87.
- PONTE, Salete da (2006) – *Corpus signorum das fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal*, Coimbra.
- RUIZ DELGADO, Manuel María (1989) – *Fíbulas Protohistóricas en el Sur de la península Ibérica*, Sevilla.
- SANTOS, Filipe; ANTUNES, Ana Sofia; DEUS, Manuela de; GRILO, Carolina (2017) – A necrópole de Palhais (Beringel, Beja), in JIMÉNEZ ÁVILA, Javier, coord. – *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*, Mérida, pp. 227-262.
- SÁNZ GAMO, Rubi; LÓPEZ PRECIOSO, Javier; SORIA COMBADIERA, Lucía (1992) – *Las fíbulas de la Provincia de Albacete*, Albacete.
- SCHÜLE, Wilhelm (1969) – *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel: Mediterrane und eurasische Elemente in früheisenzeitlichen Kulturen Südwesteuropas*, Berlin.
- SENNA-MARTINEZ, João Carlos de (2010) – “Um mundo entre mundos”. O grupo Baiões / Santa Luzia, sociedade, metalurgia e relações inter-regionais, *Iberografias*, 6, pp. 13-26.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; BEIRÃO, Caetano de Mello; DIAS, Luísa Ferrer; COELHO-SOARES, Antónia (1980-1981) – Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979), *Setúbal Arqueológica*, 6-7, pp. 149-218.
- SOARES, António Manuel Monge; RIBEIRO, Maria Isabel M.; OLIVEIRA, Maria José; BAPTISTA, Lídia; ESTEVES, Lília; VALÉRIO, Pedro (2018) – Têxteis arqueológicos pré-históricos do território português identificação, análise e datação, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 21, pp. 71-82.
- SOARES, Rui Monge; BAPTISTA, Lídia; PINHEIRO, Rui; OLIVEIRA, Lourdes; RODRIGUES, Zélia; VALE, Néilson (2017) – A necrópole da I Idade do Ferro do Monte do Bolor

- 1-2 (São Brissos, Beja), in JIMÉNEZ ÁVILA, Javier, coord. – *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*, Mérida, pp. 263-302.
- SORIA COMBADIERA, Lucía; GARCÍA MARTÍNEZ, Helena (1996) – *Broches y Placas de Cinturón de la Edad del Hierro en la Provincia de Albacete. Una Aproximación a la Metalurgia Protohistórica*, Albacete.
- SOUSA, Elisa de; ARRUDA, Ana Margarida (2011) – A gaditanização do Algarve, *Mainaké*, XXXII:II, pp. 951-974.
- TOMS, Judith (2000) – The arch fibula in Early Iron Age Italy, in RIDGWAY, David; SERRA RIDGWAY, F. R.; PEARCE, Mark; HERRING, Edward; WHITEHOUSE, Rush D.; WILKINS, John B., eds. – *Ancient Italy in its Mediterranean Setting: Studies in Honour of Ellen Macnamara*, vol. 4, Londres, pp. 91-116.
- TORRES-MARTÍNEZ, Jesús F. (2014) – Arqueología de la Edad del Hierro y variaciones climático-ambientales en el norte de la Península Ibérica, *Kobie*, 33, pp. 31-58.
- TORRES ORTIZ, Mariano (2002) – *Tartessos*, Madrid.
- TORRES ORTIZ, Mariano (2008) – Fíbulas, in ALMAGRO-GORBEA, Martín, dir. – *La necrópolis de Medellín. II. Estudio de los hallazgos*, Madrid, pp. 529-535.
- TURNER, Terence S. (2012 [1980]) – The social skin, *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 2:2, pp. 486-504. DOI: <https://doi.org/10.14318/hau2.2.026>.
- VALÉRIO, Pedro; ARAÚJO, Maria de Fátima; SOARES, António Manuel Monge; ALVES, Luís C.; SOARES, Rui Monge; MELO, Linda; BAPTISTA, Lídia (2021) – Early Iron Age copper-based funerary items from southern Portugal, *Archaeological and Anthropological Sciences*, 13, n. 114. DOI: <https://doi.org/10.1007/s12520-021-01372-7>.
- VILAÇA, Raquel (2008) – Reflexões em torno da “presença mediterrânea” no Centro do território português, na charneira do Bronze para o Ferro, in CELESTINO, Sebastián; RAFEL, Núria; ARMADA, Xosé-Lois, eds. – *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII a.n.e.). La precolonización a debate*, Madrid, pp. 371-401.
- VILAÇA, Raquel (2009) – Sobre rituais do corpo em finais do II milénio/ inícios do I milénio a.C.: do espaço europeu ao território português, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, pp. 489-511.
- VILAÇA, Raquel; ARMBRUSTER, Barbara (2012) – O disco de ouro da necrópole da Fonte Velha de Bensafrim, Lagos, Algarve, in VILAÇA, Raquel; PINTO, Sónia, coord. – *Santos Rocha, a Arqueologia e a Sociedade do seu Tempo*, Figueira da Foz, pp. 153-170.
- VILAÇA, Raquel; ARMBRUSTER, Barbara; PEREA, Alicia; VIVAS, Fábio; FREITAS, Bruno (2015) – Um contexto e um lugar para os discos de ouro da I Idade do Ferro de Fortios (Portalegre, Alto Alentejo, Portugal), *Conimbriga*, 53, pp. 31-79. DOI: http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_53_2.



FIG. 1 – *Localização da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires no atual território português (base cartográfica: Victor S. Gonçalves).*

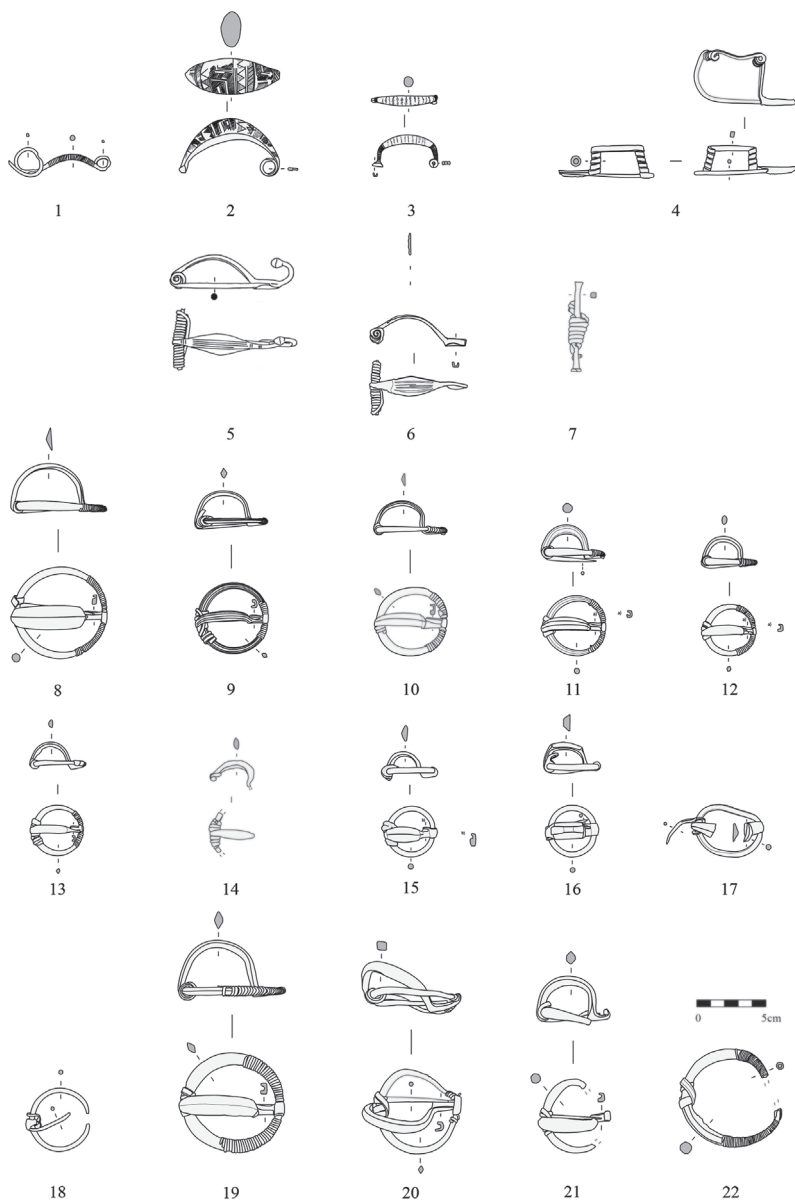


FIG. 2 – *Fibulas do Olival do Senhor dos Mártires (1): 1 – Ponte 1b; 2 – Ponte 4; 3 – Ponte 5; 4 – Ponte 3 (dupla mola); 5-6 – Ponte 9a (“Acebuchal”); 7 – fragmento de fibula de mola bilateral (?), do grupo “Alcores – Acebuchal – Bencarrón”; 8-14 – Ponte 13a; 15-18 – Ponte 13c; 19-21 – Ponte 13d; 22 – Ponte 13, variante indeterminada (n. 5 seg. Ponte, 2006).*

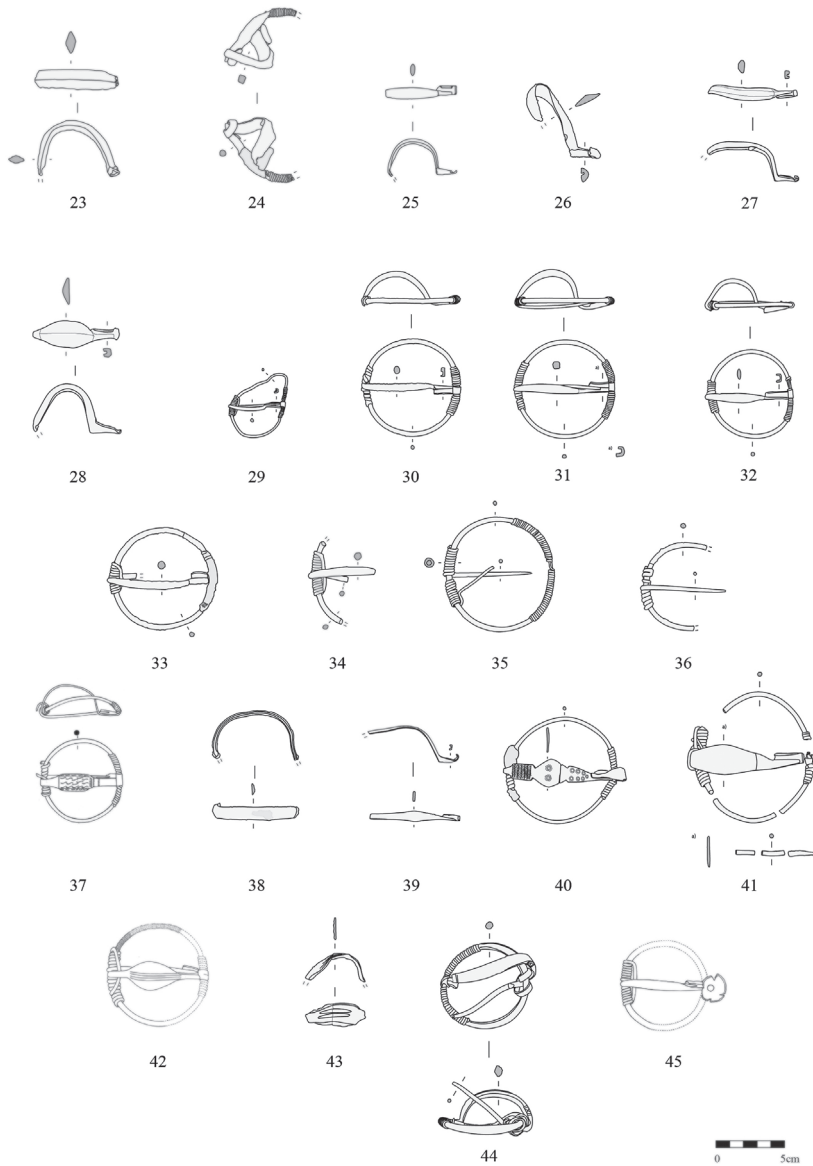


FIG. 3 – Fibulas do Olival do Senhor dos Mártires (2): 23-28 – Ponte 13, variante indeterminada; 29 – Ponte 14a; 30-36 – Ponte 14b; 37-39 – Ponte 15; 40 – Ponte 17a; 41 – Ponte 17b; 42-43 – Ponte 17c; 44 – Ponte 18; 45 – Ponte 19 (nn. 37, 42 e 45 seg. Ponte, 2006).

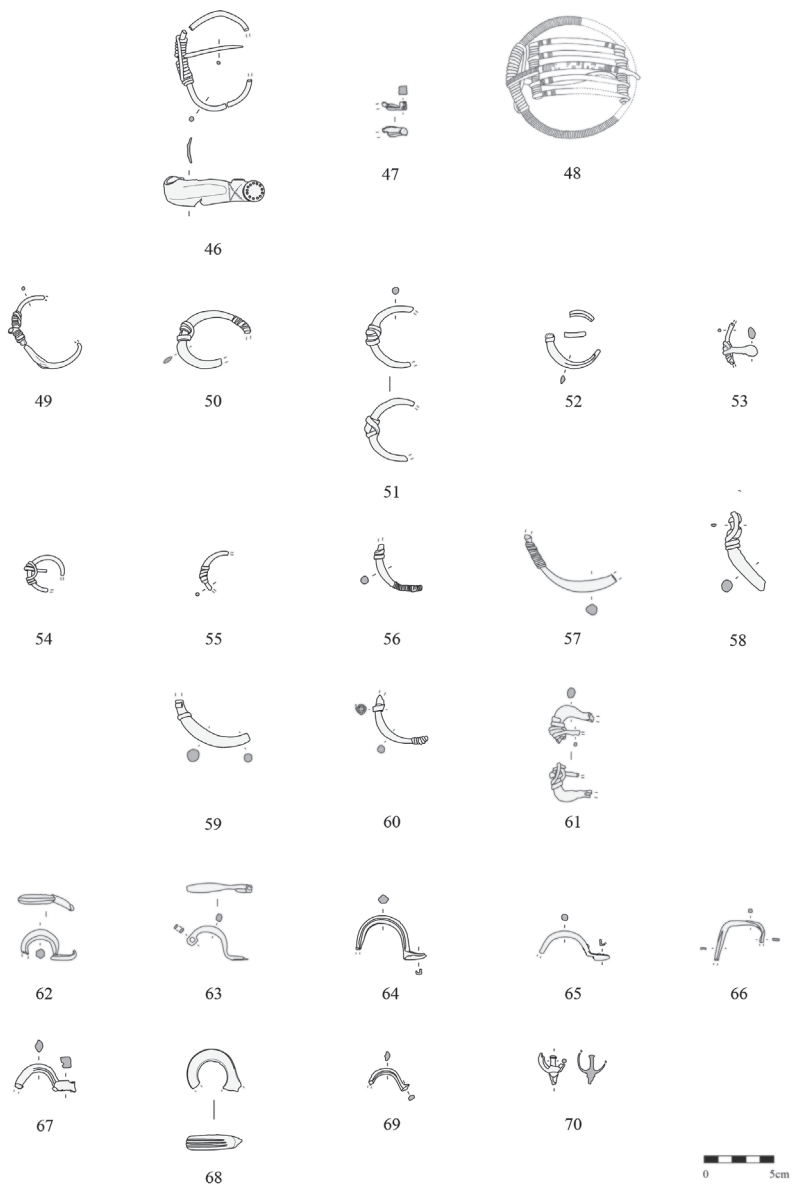


FIG. 4 – Fibulas do Olival do Senhor dos Mártires (3): 46-47 – Ponte 20; 48 – Ponte 21; 49-61 – Fibulas anulares hispânicas de tipologia indeterminada; 62-69 – Possíveis fibulas com esquemas de La Tène I, de difícil classificação; 70 – Ponte 19? (ou Ponte 33a?) (n. 48 seg. Ponte, 2006).

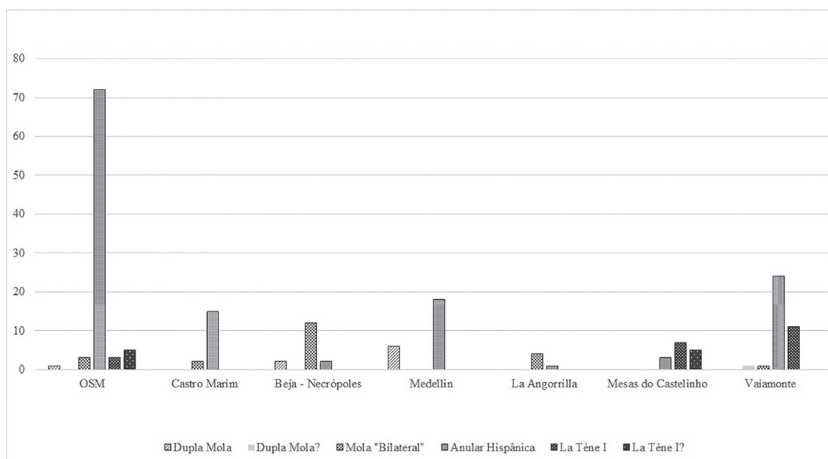


FIG. 5 – Perfis dos conjuntos de fibulas do OSM, do Castelo de Castro Marim (seg. PEREIRA 2008), das necrópoles de recintos de Beja (seg. ARRUDA et al., 2017; FIGUEIREDO; MATALOTO, 2017; SANTOS et al., 2017; SOARES et al., 2017; VALÉRIO et al., 2021), Medellín (seg. TORRES ORTIZ, 2008), La Angorrilla (seg. FERRER ALBELDA e DE LA BANDERA, 2014a), Mesas do Castelinho (seg. MIGUEZ, 2010) e Cabeça de Vaiamonte (seg. PEREIRA, 2018).

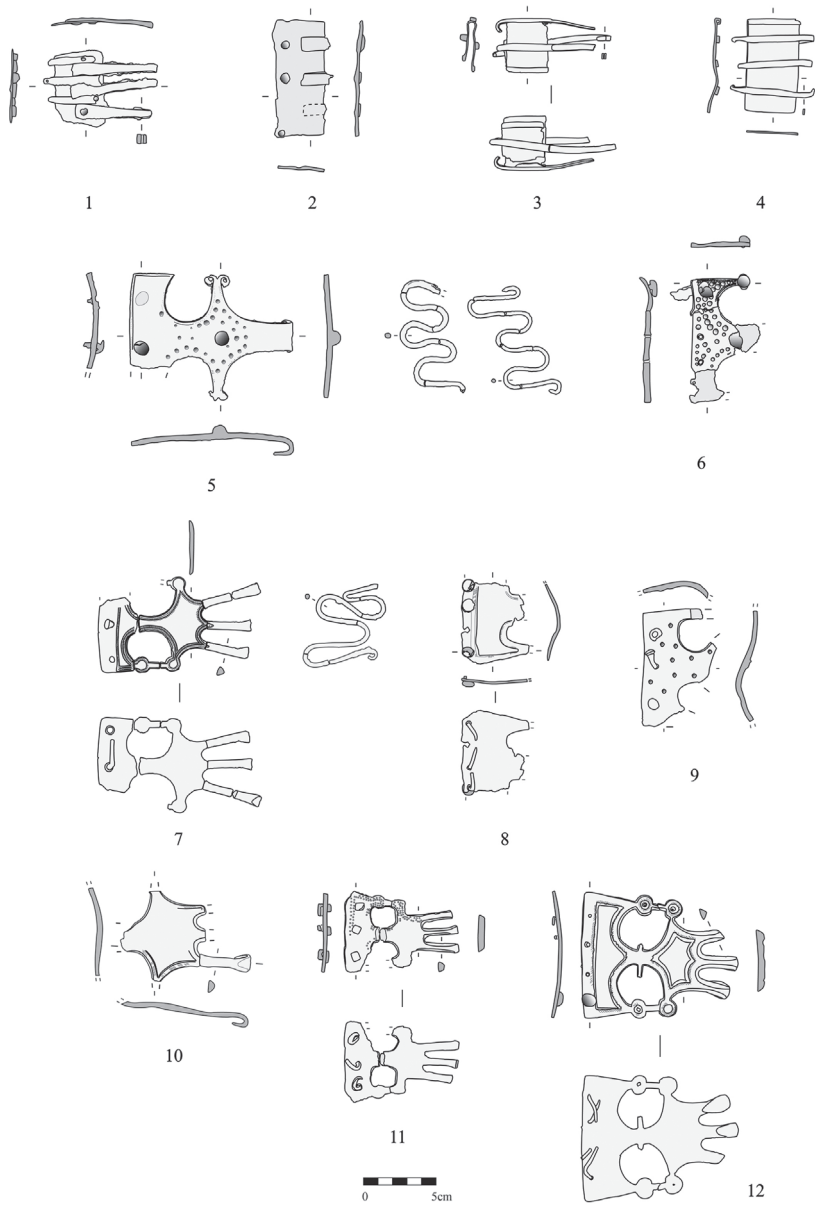


FIG. 6 – Fechos de cinturão do Olival do Senhor dos Mártires (1):
 1-3 – Fechos “tartéssicos” do Grupo 3; 4 – Fecho “tartéssico” do Grupo 4;
 5-6 – Fechos “célticos” do Tipo CV1/2; 7 – Fecho “céltico” do Tipo DII2;
 8-12 – Fechos “célticos” do Tipo DIII3.

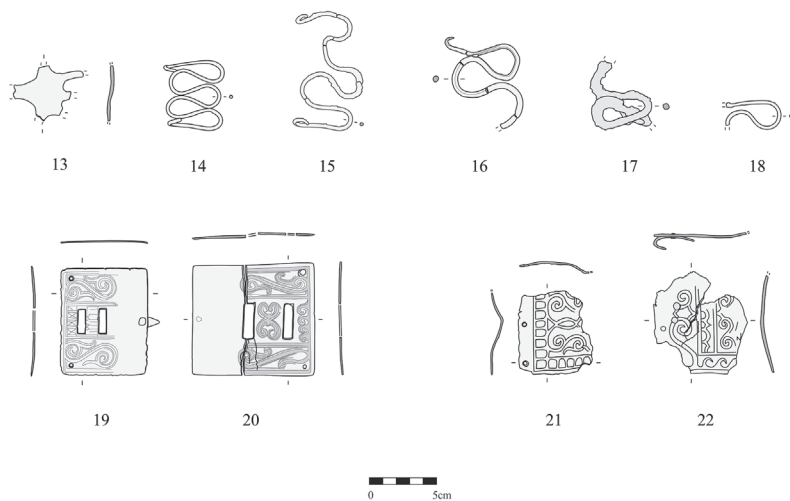


FIG. 7 – Fechos de cinturão do Olival do Senhor dos Mártires (2): 13 – Fecho “céltico” do Tipo DIII3 14-18 – elementos passivos de fechos de cinturão “célticos” (Tipo EI) não associados a elementos ativos; 19-22 – Fechos de cinturão “ibéricos”.

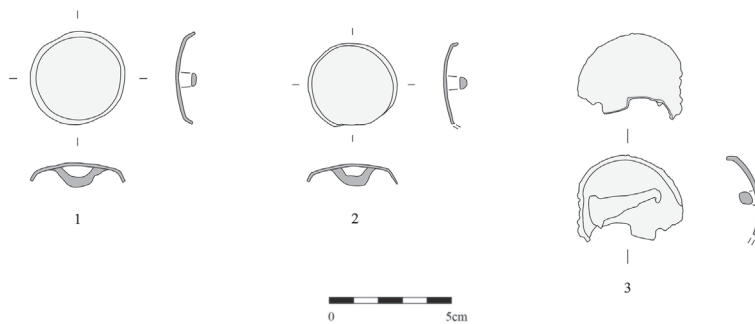


FIG. 8 – Botões do Olival do Senhor dos Mártires.

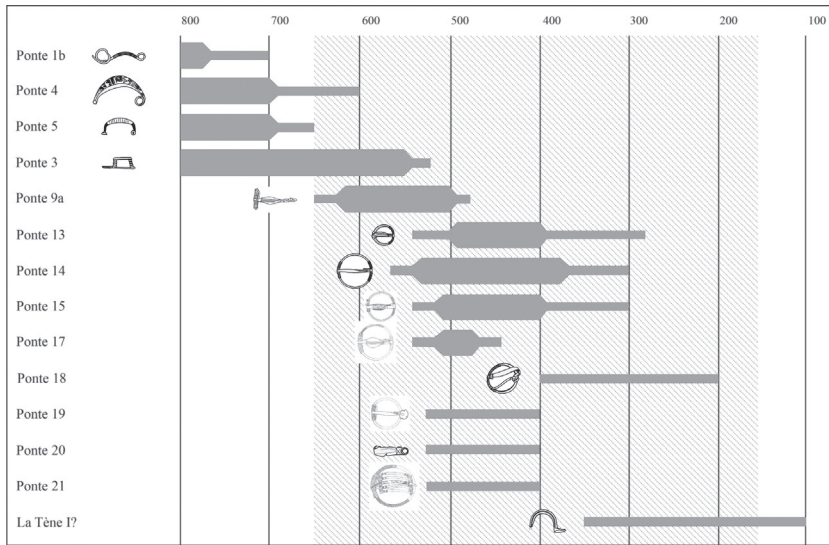


FIG. 9 – Sequência cronológica dos tipos de fíbulas documentados no OSM (cronologias gerais e cronologia provável da sua ocorrência na necrópole).

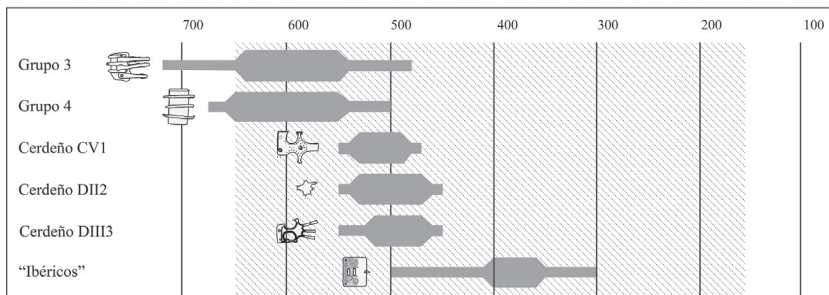


FIG. 10 – Sequência cronológica dos tipos de fechos de cinturão documentados no OSM (cronologias gerais e cronologia provável da sua ocorrência na necrópole).

#	Classificação		
	Cerdeño Serrano 1978	Lorrio 1997	Graells & Lorrio 2017
5	CV1a	B2C1	1.2.1a.2.1.1.4a/5.B
6	CV1b/CV2	B2C	1.2.1b.2.1.2.4a/5.B
7	DIII3	B3B3	3.3.2.1.1.3.2/3a.B
8	DIII3	B3B3	?3?.2.1.1.?2/3a
9	DIII3	B3B3	3.3.2?.?.?.2/3a.B
10	DIII3	B3B3	3.3.2.1.1.3.2/4b.B
11	DIII3	B3B3	3.3.2.1.1.3.2/3a.B
12	DIII3	B3B3	3?.?.2.1.1.?2/3a
13	DII2	B3A3	N/A

QUADRO 1 – *Classificação dos fechos de cinturão “célticos” do Olival do Senhor dos Mártires segundo o sistema de notação de R. Graells e A. Lorrio (2017).*